



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
BACHARELADO E LICENCIATURA PLENA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**Ana Paula Silva dos Santos  
Liliane Brito de Vilhena  
Patrícia Soares Barbosa**

**A Homossexualidade feminina: um estudo de caso sobre o  
Grupo das Homossexuais Thildes do Amapá – GHATA.**

**Macapá  
2011**

**Ana Paula Silva dos Santos  
Liliane Brito de Vilhena  
Patrícia Soares Barbosa**

**A Homossexualidade feminina: um estudo de caso sobre o  
Grupo das Homossexuais Thildes do Amapá (GHATA).**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Colegiado de Ciências  
Sociais da Universidade Federal do Amapá,  
como requisito avaliativo final para obtenção  
do grau de Bacharel e Licenciado Pleno em  
Ciências Sociais.

Orientadora: Professora Iraci de Carvalho  
Barroso

**Macapá  
2011**

SANTOS, Ana Paula Silva dos; Liliane Brito de Vilhena;  
Patrícia Soares Barbosa.

A Homossexualidade feminina: um estudo de caso  
sobre o Grupo das Homossexuais Thildes do Amapá  
(GHATA)

Professora Iraci de Carvalho Barroso

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Colegiado de Ciências Sociais da Universidade  
Federal do Amapá, Macapá, 2011.

1. Gênero 2. Homossexualidade 3. Movimentos  
Homossexuais.

**Ana Paula Silva dos Santos  
Liliane Brito de Vilhena  
Patrícia Soares Barbosa**

**A Homossexualidade feminina: um estudo de caso sobre o  
Grupo das Homossexuais Thildes do Amapá (GHATA)**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Colegiado de Ciências  
Sociais da Universidade Federal do  
Amapá, como requisito avaliativo final para  
obtenção do grau de Bacharel e  
Licenciado Pleno em Ciências Sociais.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Profa. Ms. Iraci de Carvalho Barroso (orientadora)  
Universidade Federal do Amapá**

---

**Profa. Esp. Maria do Socorro Santos Oliveira  
Universidade Federal do Amapá**

---

**Profa. Ms. Karla Cristina Andrade Ferreira  
Universidade Federal do Amapá**

## RESUMO

A elaboração deste trabalho tem como enfoque analisar o aspecto político e social do Grupo das Homossexuais Thildes do Amapá – GHATA, entidade situada no Amapá, que busca garantir a todo o movimento homossexual: Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transexuais, Travesti, Transgêneros – GLBT, a garantia de seus direitos a cidadania e a lutar contra as diversas formas de manifestações homofóbicas. Além de estudar as metas, perspectivas e avanços deste grupo dentro de seus reais objetivos que seria a busca da promoção social deste segmento dentro da sociedade. Para fins de análise, foram utilizados entrevistas, pesquisa bibliográfica em livros, internet, revistas, resoluções, documentos da entidade, na qual procurou – se focar a importância para as homossexuais, a compreensão sobre a questão de gênero, identidade homossexual, orientação sexual, e que o conhecimento de tais conceitos podem ajudar a desvencilhar pré-conceitos estabelecidos pela sociedade contribuindo para uma aceitação razoável dessa classe a garantir seus direitos tão reivindicados. Percebeu-se que o Ghata tem sido uma contribuição para o alcance de suas perspectivas, obtendo aos poucos respeito e dignidade a classe homossexual, devido às aprovações dos projetos de lei e resoluções que este grupo colocou em pauta, como suporte para a garantia dos direitos dos homossexuais.

Palavras Chave: Gênero, identidade homossexual, movimento homossexual

## **ABSTRACT**

The preparation of this work focuses on analyzing the political and social group of homosexuals Thilde Amapá - Ghata, entity located in Amapá, which seeks to ensure that all the homosexual: Gay, Lesbian, Bisexual, Transgender, Transsexual, Transgender - GLBT the guarantee of their rights to citizenship and fighting the various forms of homophobic expressions. In addition to studying the goals, prospects and progress of this group within its real goals that would be the quest for social advancement within this segment of society. For purposes of analysis, we used interviews, research on books, internet, magazines, resolutions, documents of the entity, in which he sought - if focus the importance for gay men, the understanding of gender issues, gay identity, sexual orientation, and that knowledge of such concepts can help to disentangle the concepts pre-established in society by contributing to a reasonable acceptance of this class to ensure their rights as claimed. It was noticed that the Ghata has been a contribution to the achievement of their prospects, getting little respect and dignity to the gay class, due to the approvals of bills and resolutions that the group put on the agenda, as support for the guarantee of rights of homosexuals.

Keywords: Gender, homosexual identity, homosexual movement

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me dado coragem e ânimo para não desistir deste trabalho em meio às desavenças e contratemplos.

A minha família por ter me apoiado em todos estes momentos.

Aos meus amigos, inclusive os que trabalham na PROEAC, por me aconselharem em meio as minhas dúvidas.

Agradeço a minha orientadora Iraci Barroso por ter acompanhado este trabalho com tanta dedicação e presteza.

(Patrícia Soares)

Agradeço primeiramente a Deus, meus pais e padrinhos Bira e Gizele pela paciência, Tia Mone, amigas queridas que conquistei ao longo do curso, Prof<sup>a</sup> Iraci nossa orientadora, as meninas do Ghata, colegas da UNIFAP e todos do qual não pude citar, mas que tiveram sua importância, o meu sincero obrigada.

(Ana Paula)

Agradeço primeiramente a Deus, que foi meu maior porto seguro. Aos Meus Pais, ambos responsáveis por cada sucesso obtido e cada degrau avançado durante todos esses anos. Ao meu amigo e acadêmico de Letras Edcaio Santana, pela força e apoio nos momentos difíceis. Ao grupo Ghata pelas entrevistas e colaboração na pesquisa de campo. E à nossa orientadora Iraci de Carvalho Barroso pelo seu exemplo de coragem e profissionalismo.

(Liliane Brito)

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	09
<b>I – HISTÓRICO DA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE HOMOSSEXUAL</b>	
1. A Construção Conceitual da Homossexualidade	12
1.1. Definição de Identidade Homossexual	12
1.2. Homossexualidade na Grécia Antiga	15
1.3. Homossexualidade na Idade Média	18
1.4. Homossexualidade no Brasil	20
<b>II – GÊNERO, PODER E MOVIMENTOS HOMOSSEXUAIS</b>	
1.1. Gênero e relação de poder	25
1.1. Surgimento dos primeiros movimentos homossexuais no Brasil e no Amapá ....	29
Movimentos Sociais e homossexualidade no Brasil e no Amapá	39
2.2.2 Homossexualidade lesbiana	42
2.3 Visão médica sobre a homossexualidade	44
<b>III – O GRUPO DAS HOMOSSEXUAIS THILDES DO AMAPÁ - GHATA</b>	
3.1- Histórico do Grupo das Homossexuais Thildes do Amapá – GHATA	46
3.2- Avanços e Perspectivas	48
3.3- Metas Alcançadas	51
3.3.1- Parada Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis – LGBT	53
3.3.2 Programa Saúde e Prevenção na Escola promovido pelo GHATA	58
<b>IV– CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	62
<b>V – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	65
<b>IV– ANEXOS</b>	68
<b>VI – APÊNDICE</b>	74



## INTRODUÇÃO

A elaboração desse trabalho tem como enfoque o discurso político e social do Grupo das Homossexuais Thildes do Amapá – GHATA, que na sociedade civil tem atentado para a aplicabilidade e ampliação de políticas públicas voltadas para tal público. Esta entidade surge da necessidade de transformar as demandas reivindicatórias da classe dos (as) homossexuais em políticas ou organizações institucionalizadas. A relevância desse estudo consiste em identificar no contexto amapaense, as ações do grupo Ghata em relação ao combate a Homofobia, conquistas de direitos e cidadania ao segmento homossexual.

A discussão acerca da homossexualidade em escolas, universidades e mídia, tem contribuído para um amplo conhecimento sobre a temática. Neste trabalho será tratado sobre sua definição, conceitos, contexto histórico sobre seu surgimento, a luta por seus direitos, a busca pela cidadania, a violência que muitos sofrem em decorrência de alguns comportamentos homofóbicos. Todo esse contexto possibilitou a abrangência dos debates sobre a homossexualidade e sua visibilidade.

Ao debater sobre a sexualidade para o domínio público, indivíduos homoafetivos através de movimentos GLBT's exigem do Estado, ações que combatem as implicações excludentes reproduzidas pela ordem vigente e dominante heteronormativa, e estratégias na ampliação de direitos fundamentais que atendam os anseios dos seus atores.

O enfoque da investigação deste trabalho é estudo de caso de caráter qualitativo, norteado pela sociologia política. Os procedimentos metodológicos utilizados foram pesquisa bibliográfica, empírica e pesquisa de campo os quais buscam analisar a realidade através de entrevistas, criando uma proximidade entre o pesquisador e o objeto estudado na sua totalidade, possibilitando uma investigação que avaliem os efeitos levantados pelo estudo provocados pela atuação Ghata.

Segundo Marconi & Lakatos (1990, p.30), a observação não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos e/ou fenômenos que se deseja estudar.

Através das informações coletadas na pesquisa de campo e bibliográfica foi possível a compreensão do objeto por meio do estudo de caso, que consiste em uma investigação detalhada de uma ou mais organizações, ou grupos dentro de uma organização, com vistas a prover uma análise do contexto e dos processos envolvidos no fenômeno em estudo.

Por apresentar dificuldades no que se refere às especificidades de informações sobre o estudo da entidade o Ghata, este método demonstra ser adequado para analisar profundamente o fenômeno da homossexualidade, o que constituem o movimento e as situações deste grupo na Cidade de Macapá, através da coleta de informações a fim de estabelecer uma conclusão ampla da investigação.

Segundo Stake e Lincoln (2001, p. 135) a utilização de um único caso é apropriada em algumas circunstâncias quando o caso sob estudo é raro ou extremo, ou seja, não existem muitas situações semelhantes para que sejam feitos estudos comparativos, quando o caso é revelador, ou seja, quando o mesmo permite o acesso às informações não facilmente disponíveis.

Os estudos do caso representam a estratégia preferida quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos em algum contexto da vida real como demonstra Yin (2001, p.19)

A técnica utilizada foram documentos, observação, entrevista pessoal estruturada, com perguntas abertas as coordenadoras do Ghata.

O resultado deste trabalho é dividido em três capítulos que exprime a visão sobre homossexualidade e seus conceitos históricos, surgimentos dos movimentos, gênero e identidade, homossexualidade lesbiana e as experiências do movimento Homossexual Ghata.

No primeiro capítulo são apresentadas as construções históricas e sociais em relação ao conceito da homossexualidade, as concepções sobre identidade e seus novos elementos a serem refletidos na sociedade contemporânea. Discutidos por diversos autores com intuito de visualizar a homossexualidade como um fenômeno, cujas construções eram encaradas em diferentes maneiras de um período histórico para o outro. Na Grécia antiga Foucault(1984) analisa a sexualidade em prol de uma elaboração cultural, em que verifica-se que a relações amorosas entre homens, estão ligadas a uma

conduta moral e pedagógica, pela qual evitavam os excessos do usos do prazeres.

As práticas de homossexualidade eram percebidas no Brasil colônia, que por sinal foram estigmatizadas, como analisa Gilberto Freire (1986), também relatadas por Mott (1986).

Com o fim de compreender os entraves que permeiam a homossexualidade, no segundo capítulo são abordados a questão do Gênero e relações de poder e como se configuram nas construções ideológicas entre os sexos e logo após nas relações sociais como apontam Torrão Filho (2000) e Bourdieu (1999). Ademais, busca resgatar o surgimento dos movimentos homossexuais no Brasil e no estado do Amapá, tendo em vista uma visão histórico-social de suas mobilizações, focalizando especificamente a trajetória dos movimentos homossexual femininos, e por último a visão médica sobre a Homossexualidade.

No terceiro capítulo, são analisados e discutidos o histórico e surgimento do Grupo das Homossexuais Thildes do Amapá – GHATA, denotando a sua relação inicial de gueto a organização institucional, verificando as demandas dos atores que compõem o movimento. Embora sua formação seja do gênero feminino, o movimento propõe representar não somente as mulheres lésbicas, mas homossexuais masculinos, travestis e transexuais, segmentos que tem em comum o ensejo de exercerem sua identidade sexual. São observados também neste capítulo, as dificuldades, e os possíveis avanços alcançados por este movimento.

Nas considerações finais, se observa as propostas e avanços que o Grupo das Homossexuais Thildes do Amapá – GHATA apresentou e alcançou no decorrer de seus dez anos de existência. Durante esse período enfrentou vários desafios, sendo que o maior foi o preconceito vindo da sociedade amapaense. Dentre os avanços, estariam as aprovações dos projetos de lei, que proporcionaria a tal grupo, dias comemorativos que teriam como propósito o exercício de cidadania.

# CAPÍTULO I - HISTÓRICO DA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE HOMOSSEXUAL

## 1. A Construção Conceitual da Homossexualidade

### 1.1. Identidade Homossexual

Para a construção e a representação de uma identidade é necessário que o indivíduo se reconheça, por meio de um conjunto de referências identificatórias. Segundo Aulagnier (1979, p.01), o acesso ao reconhecimento do eu só é possível através das relações com o outro via instituições, assim como a família, a escola e grupos sociais, que orientam seus projetos de identidade.

Na ação e no discurso, os homens mostram quem são, revelam ativamente suas identidades pessoais e singular e assim apresentam-se ao mundo humano, enquanto suas identidades físicas são reveladas, sem qualquer atividade própria, na confirmação singular de seu corpo e no som singular da sua voz. Esta revelação de "quem" em contraposição a "o que" alguém é – os dons, as qualidades, talentos e defeitos que alguém pode exhibir ou que" alguém é – os dons, as qualidades, talentos e defeitos que alguém pode exhibir ou ocultar – está implícita em tudo que se diz ou faz. (ARENDDT, 1987, p. 192)

A identidade é um elemento da realidade subjetiva que se relaciona com a sociedade. Sua assimilação acontece por meio de trocas com outros, os quais possuem suas identidades próprias, em que se pode perceber as diferenças e para que todos possam estar unidos por um ideal comum.

O próprio grupo pertence a categoria do outro, que não é mais definido como estranho por causa de sua inserção, mas é para o Eu, ao contrário, duas coisa em uma só: é absolutamente igual e absolutamente diferente, o mais próximo e o mais distantes de uma pessoa.( HABERMAS, 1990, p. 81)

Foi a partir de Adorno que as Ciências Sociais abandonaram a ideia de um modelo único, em que os conceitos sobre identidade de classes sociais deveriam ser desconstruídos. Houve uma diversificação de papéis sociais e da

percepção de mudança na identificação de indivíduos na sociedade contemporânea, fruto surgido de movimentos sociais que trouxeram elementos a serem refletidos como gênero, etnia, meio ambiente, a exclusão de novas identidades e sua autonomia.

Por meio destas novas percepções é que as instituições, como escola, família e classe, deixam de serem únicos modelos de estudo relacionados à identidade. A partir daí surgem outras referências. As regras sociais além de serem determinadas apenas por especialistas ou cientistas, passam a serem interpretadas também pelo senso comum, mídia ou pelos circuitos informais. E dentro deste espaço de mudanças é que os homossexuais passam a lutar e reivindicar direitos e legitimação para sua identidade.

A partir da proposta de desconstrução de Adorno é que surge outro fator relevante na construção da identidade homossexual: a amplitude em sua área de discussão que já estaria previamente definida, quer seja pela medicina ou psiquiatria, quer seja pelo direito penal ou outros campos de saberes.

Pode-se dizer que os conceitos sobre a identidade homossexual vêm sendo construídos desde a Grécia Antiga até o período contemporâneo, no qual foram instituídos vários pré-conceitos que, no decorrer da história, foram sendo desvencilhados.

Através destes estudos serão analisados e discutidos os diversos conceitos difundidos por autores que contribuíram e têm contribuído para a construção e difusão da temática homossexual, na qual se afirma que em cada sociedade existem várias formas de representação e prática homossexual, o que implicou em uma série de questionamentos e inquietações.

A definição de homossexualidade é muito relativa e se diversifica de acordo com cada época, país, religião, cultura; pois todo ser humano, com seu conjunto de valores, possui sua concepção sobre esta questão. O problema é que o conceito da homossexualidade sofre uma infinita variação sobre o mesmo tema, já que não há uma verdade absoluta e as ideias e práticas a ela associadas seriam produzidas historicamente no interior de sociedades concretas.

De acordo com Tesson (1989), a homossexualidade até então era definida como uma preferência sexual por indivíduos do mesmo sexo. Sendo que este conceito era tido como incerto, uma vez que preferência está ligada a

escolha, opção. Futuramente viria a se provar que a homossexualidade está relacionada à orientação sexual que é definida na infância, e por questões psicológicas e até mesmo genéticas. Segundo ele, existiam neste período duas concepções distintas sobre a questão da orientação sexual humana. A primeira, até então aceita e mantida pelos religiosos, afirmava que a orientação era uma decisão tomada pelo indivíduo durante sua puberdade e que poderia ser modificada a qualquer momento através de oração e aconselhamento. A segunda noção está relacionada à questão de que a orientação sexual seria algo estável durante a maior parte da infância do indivíduo, ou até antes de seu nascimento. E para eles, esta orientação estaria fora do controle da pessoa ou da educação de seus pais.

Como os heterossexuais, os homossexuais "percebem" sua sexualidade como um processo de amadurecimento pessoal, não sendo "levados" a isso ou sequer "optando" pela orientação sexual que aflora de seu íntimo. A única escolha presente na vida dos homossexuais está em viver ou não suas vidas de forma transparente ou aceitar os padrões rígidos exigidos pela sociedade que os obriga a uma vida oculta<sup>1</sup> (TESON, 1989, p 12).

Muitos indivíduos constroem, no decorrer de sua vida, pré-conceitos que vão sendo deixados de lado durante sua vivência com a sociedade. E nesse período, cria-se a teoria de que toda humanidade seria heterossexual, até mesmo no intuito de preservar os "valores morais e religiosos" e por isso diga-se que apenas uma minoria teria um comportamento "anormal", está corrompido pela homossexualidade.

A sexualidade humana é um fenômeno complexo. Entre a atração forte e exclusiva de um homem por uma mulher, de um homem por outro homem, ou de uma mulher por outra mulher, existe uma infinidade de sensações sexuais e emocionais: o desejo, a excitação ou mesmo a frieza em qualquer relacionamento humano depende dos indivíduos inseridos em determinada situação, e não em quaisquer das especificações arbitrárias que poderiam ser impostas através de sociedade, tais como os rótulos que tentam definir se o indivíduo é heterossexual ou homossexual. Assim, um bebê do sexo masculino não deve ser rotulado como heterossexual apenas porque nasceu com esta definição sexual, mas sim estar livre para que sua orientação sexual se desenvolva sem os freios da sociedade (TESON, 1989, p 17).

---

<sup>1</sup> <http://homossexualidade.sites.uol.com.br/homo.htm>

Conforme afirma Teson (1989), a homossexualidade não pode ser considerada como uma doença ou desordem mental ou psicológica. Por esta razão não pode ser curada, mas ainda existem indivíduos que crêem que a medicina possa ajudar o homossexual a se libertar de seus desejos. Alguns homossexuais, em seus relatos, afirmaram ter mudado sua “preferência” sexual e teriam se tornado hetero, mas logo teria reincidido em sua decisão. Isso prova que a homossexualidade não é doença que possa ter cura, ou muito menos uma opção, na qual possa se escolher. Homossexualidade é orientação (TESON, 1989 p.17)

Modificar a orientação sexual de uma pessoa não significa apenas modificar seu comportamento sexual, e sim mudar seus anseios afetivos, sejam eles românticos ou sexuais e reestruturar o seu conceito próprio como pessoa, bem como sua identidade social.

## **1.2. Homossexualidade na Grécia Antiga**

Sobre este período, Michel Foucault, em sua obra “História da Sexualidade”, estudou e analisou todas as ações que estavam relacionadas com as práticas existentes em torno do sexo, que em comparação com o Cristianismo, na qual fez uma ligação entre sexo e pecado da carne, só que distanciando-os da noção de desejo. O autor pensava na história do desejo e realizava uma análise de como o homem ocidental foi levado, em séculos, a se reconhecer como sujeito de desejo.

Foucault ensinava a desconfiar das palavras, que não dizem as coisas como elas são em que sexo era biológico. Sexualidade era palavra do século XIX, sexo também era discurso. O discurso era o contrário de ideologia, porque era aquilo que se diz realmente, enquanto que ideologia era idealização, a explicação das coisas. O poder convidava a enunciar a sexualidade, uma estratégia de controle do indivíduo e da população. Ele não aceitava a hipótese repressiva pela qual a sexualidade era reprimida pelo sistema, onde a sociedade capitalista ligava prazer e poder.

A homossexualidade era aceita abertamente e estava ligada a ritos mantidos entre mestres e aprendizes com objetivo de repassar conhecimento. O uso dos prazeres em relação aos rapazes inquietava os gregos. Platão se mostrava contrário à sujeição do homem ao domínio de Eros (prazer).

Amar os rapazes era uma prática “livre” no sentido de que era não somente permitida pelas leis como também admitida pela opinião. Acreditava-se que o homem não precisava de outra natureza para isso (FOUCAULT, 1984 p. 170).

Na Grécia Antiga existiam muitos casos de pederastia<sup>2</sup>, que para os gregos era comum existir o amor de um homem (geralmente com idade acima de trinta anos) por um adolescente (entre os quatorze e dezesseis anos). Existia neste contexto a prática da homossexualidade, pois apesar de um homem ser casado isso não o impedia de manter relações sexuais com adolescentes.

A pederastia dificilmente alterava a imagem do homem perante a sociedade, pois o amor ao belo, ao sublime e o cultivo da inteligência e da cultura não tinha sexo. Condenável era a busca do sexo pelo sexo. Além do componente etário, a relação de pederastia incluía a questão do status social, nesse sentido o homem deveria ter ascendência intelectual, cultural e econômica sobre o adolescente. Afinal, ele complementaria a formação do jovem, iniciando-o nas artes do amor, no estudo da filosofia e da moral (GUIMARÃES<sup>3</sup>, 2000, p. 20).

Nesse período existia todo um cerimonial de aproximação do adulto com o adolescente. E para que essa relação obtivesse um valor moral e aceito por esta sociedade era necessário a presença da corte.

Segundo Guimarães (2000) os papéis sexuais em tais situações eram assim determinados, o homem (Erastes) fazia a corte e o adolescente (Erômeno) era o cortejado, sendo que este poderia escolher ser conquistado ou não. O erastes, ao cortejar o rapaz abarrotava-o de presentes, prestando-lhe favores, visitava-o em seus exercícios físicos (que na maioria das vezes, o fazia despido) e acompanhava-o em seus exercícios. O adolescente, porém, careceria ser gentil e ao mesmo instante por teste o amor de seu pretendente.

---

<sup>2</sup>Relação sexual mantida entre um menor e um adulto; entre indivíduos do sexo masculino (<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=pederastia>).

<sup>3</sup>Psicólogo ([http://www.cav-templarios.hpg.ig.com.br/homossexualidade\\_na\\_grecia.htm](http://www.cav-templarios.hpg.ig.com.br/homossexualidade_na_grecia.htm)).



A conquista era incerta, pois caberia ao jovem a resposta de aceite. Essa relação só teria fim quando surgisse no jovem os primeiros sinais da puberdade, assim como a primeira barba, bigode, isso entre seus 17 ou 18 anos. Se for mantida a relação após esse período, ele é tido como reprovável.

Um caso de homossexualidade na Grécia antiga: Zeus, deus grego, se apaixonou por um rapaz chamado de Ganimedes que, devido sua beleza, foi então levado por ele para Olimpo. Teseu seduziu não apenas donzelas no labirinto, mas também os monstros. Os filósofos Sócrates e Platão e o legislador Sólon também foram pederastas neste sentido (GUIMARÃES, 2000).

A pederastia visava a formação do jovem, tanto em Esparta quanto em Atenas. No exército espartano, o amor entre soldados fortalecia o exército. Em nenhum dos dois casos estava excluída a relação com uma mulher, no presente ou no futuro. É com o advento do cristianismo que essas relações passam a ser vistas como impuras.

A homossexualidade tinha o seu papel na pedagogia, que significava a condução do aprendiz pelo mestre, ou seja, o homem mais vivido era, portanto, sábio. “Sem uma instituição que a estabelecesse, a regulação da conduta estava na própria relação” (Foucault, 1984 p. 179). “E no campo da conduta amorosa que funcionava a distinção entre o honroso e vergonhoso” (Foucault, 1984 p. 184). O sexo não era realizado só por prazer, cedia-se em prol de uma elaboração cultural.

Os gregos pensavam na desigualdade entre passivo e ativo. As recomendações que se faziam estavam relacionadas com a luta pessoal contra os excessos. Os jovens eram criticados porque se faziam como objeto de prazer, ou se prostituíam, na qual destes, muitos eram sustentados por seus amantes, e eles não poderiam assumir cargos públicos (Foucault, 1984 p.193). A conduta do rapaz deveria ser a de se esquivar da sedução e só ceder a custo (Foucault, 1984 p. 197).

Já na Antigüidade, havia um domínio da prática moral, ou seja, sobre os atos de prazer difíceis de serem controlados, com isso, era exigida uma conduta moral e racional sobre a sexualidade. Os gregos indagavam sobre o livre comportamento sexual dos homens, como uma estética de sua existência, vendo essa liberdade como uma estratégia de jogo de poder. Platão pensava a

homossexualidade e a indagava sobre as relações, o amor, a renúncia aos rapazes e o acesso à verdade.

### **1.3. Homossexualidade na Idade Média**

Na obra de Jeffrey Richards, “Sexo, Desvio e Danação” (1993) fica visível o quanto a sociedade medieval tornava-se cada vez mais intolerante com as minorias, na qual eram representadas por hereges, bruxos, judeus, prostitutas, leprosos e homossexuais, que tinham em comum os mesmos motivos que os faziam ser perseguidos e discriminados. Segundo a Igreja, o elo principal entre eles seria o fato de serem todos considerados aberrações sexuais.

A igreja se preocupava particularmente com a regulamentação da sexualidade. Por esta razão estabeleceu uma campanha contra os homossexuais, além da segregação das prostitutas, a sacralização do casamento, a regulamentação da espiritualidade e a reafirmação do monopólio clerical sobre o acesso a Deus.

Neste período oscilava uma grande tensão na sociedade. Entre estas destacavam-se as vertentes do individualismo, materialismo, espiritualidade, erotismo e o ascetismo. O conflito destas forças fluía e refluía dentro da sociedade no intuito de coagir, regular e manter o controle sobre ela. A igreja lançou a ideologia de impureza, ou seja, aqueles que não andassem segundo as vontades de “Deus”, estavam condenados ao inferno.

Havia uma ameaça moral e física de contágio, vinda das minorias, vistas como perigosas. Daí a razão da segregação e rotulação com a “marca da infâmia”<sup>4</sup> de judeus, leprosos, prostitutas, excetos os homossexuais. Devido a atribuições do pecado do sexo às minorias, os judeus foram responsabilizados pela disseminação das calamidades daquela época, como por exemplo, as pestes negras e os dilúvios. A igreja utilizava do fogo purificador para destruir estes hereges.

Os denominados como perseguidos eram encaixados em duas categorias: religiosas (judeus, bruxos e hereges) e sexuais (homossexuais, prostitutas e leprosos). O sexo era o fator comum entre eles, o estereótipo,

---

<sup>4</sup> Regulamentação de um vestuário distintivo que caracterizava as minorias (Richards, 1993, p. 22)

desviante e estritamente ligado ao diabo pela luxúria, no qual era suporte para demonizá-los, suscetibilizá-los ao escravismo do sexo, envenenando suas mentes utilizando-os para subverter a ordem natural de Deus (o que para a igreja era crime), e para não haver um contágio moral na sociedade, era necessário puni-los com fogo, e partir daí se inicia a perseguição e tortura as minorias entre eles, os homossexuais.

Nesta época o cristianismo detinha autoridade no Ocidente. Existiu na Idade Média a ideia da ruptura da sexualidade, na qual se recusava o prazer e o erotismo. Segundo a igreja, a mulher para obediência (submissão) e respeito ao seu homem.

Neste período a sexualidade era controlada, o sexo era uma ação imunda e humilhante, tido como hediondo para o “sagrado”.

O homem não deveria se entregar ao prazer da carne, o sexo estava apenas reservado para procriação e deveria ser isento de erotismo. Já o homossexualismo passou a ser visto como crime passível à pena de morte, assim como o adultério e o incesto (LAGUNA, 2008, p. 19)

Era clara a oposição do clero frente ao homossexualismo e à sexualidade. Deus deu a sexualidade ao homem apenas para procriação e qualquer atividade que levasse ao prazer erótico era considerado pecado mortal. Sodoma e Gomorra<sup>5</sup> são bons exemplos do que o Deus judaico-cristão seria capaz de fazer para quem ousasse desfrutar dos prazeres sexuais. Por outro lado, o próprio clero era acusado de práticas homossexuais nos mosteiros. Monges e rapazes formaram pares “insaciáveis” às escondidas.

As penas aplicadas pela Igreja aos praticantes dos delitos variavam segundo sua classe social. Os monges e outros eclesiásticos eram punidos com penas brandas. Já os que não tinham nada a oferecer para o clero eram condenados à morte. Podiam ser queimados vivos, torturados, castrados e enforcados. Os demais tinham penas mais pesadas.

No período de 1536 a 1821, a História foi marcada pela imagem de feiticeiros e judeus que foram queimados vivos nas fogueiras dos autos de fé<sup>6</sup>,

---

<sup>5</sup> Sodoma e Gomorra são, de acordo com a Bíblia judaico-cristã, duas cidades que teriam sido destruídas por Deus com fogo e enxofre descido do céu. Segundo o relato bíblico, as cidades e os seus habitantes foram destruídos por Deus devido a prática de atos imorais. ([http://pt.wikipedia.org/wiki/Sodoma\\_e\\_gomorra](http://pt.wikipedia.org/wiki/Sodoma_e_gomorra))

<sup>6</sup> Autos de fé: refere-se a eventos de penitência realizados publicamente ou (em espaços reservados para isso) com humilhação de homossexuais, ou outro que seja contra a diretrizes da igreja, bem como punição aos cristãos-novos

na qual o tribunal do Santo Ofício fora estabelecido primordialmente para exterminar as heresias<sup>7</sup>.

A Inquisição foi, sobretudo, um tribunal contra o judaísmo que era considerado como uma ameaça a religião de Cristo e a sua hegemonia. Porém, a perseguição se estendeu além dos crimes religiosos assim como as heresias, feitiçaria, blasfêmia e alguns desvios sexuais, entre eles a sodomia, a bigamia e a solitação a atos luxuriosos feitos pelos sacerdotes e o bestialismo (relação sexual com animais),

O incesto, adultério, concubinato, estupro, masturbação, lesbianismo embora considerados pela teologia moral com merecedores do fogo do inferno, porém foram tratados apenas como pecados, somente a sodomia (copula anal homossexual ou heterossexual) a bigamia e a solitação passaram á categoria de crimes merecedores dos castigos e torturas do Santo Tribunal. (MOTT, 1989, p. 10).

Os inquisidores consideravam a homossexualidade um “pecado tão feio, sujo e desonesto que até o diabo fugia quando o via ser praticado” (MOTT, 1989, p. 14). O chamando sodomia era um pecado nefando ou popularmente de fanchonice<sup>8</sup>. Este, depois do judaísmo, foi o crime mais perseguido pela Inquisição. Isso porque os padres do Santo Ofício de Portugal manifestaram maior tolerância contra os fanchonos do que os países protestantes a época do Renascimento, onde existiu um grande número de gays que foram perseguidos e mortos por práticas homoeróticas, às vezes menos comprometedoras do que as registradas nos documentos da Torre do Tombo.

#### **1.4. Homossexualidade no Brasil**

A existência da homossexualidade no Brasil decorre antes mesmo da vinda dos europeus para este país. Segundo alguns pesquisadores, entre os índios a prática da homossexualidade era vista naturalmente.

---

pelo não cumprimento ou vigilância da nova fé lhes outorgada, postos em prática pela Inquisição, principalmente em Portugal e Espanha.

<sup>7</sup> Heresia é a doutrina ou linha de pensamento contrária ou diferente de um credo ou sistema de um ou mais credos religiosos que pressuponha(m) um sistema doutrinal organizado ou ortodoxo.

<sup>8</sup> Termo utilizado no período do Brasil colonial, que quer dizer homem que procura prazer sexual com o individuo do mesmo sexo.

O padre Manoel da Nóbrega (1549) certa vez comentou que era habitual entre os colonos fazer dos índios suas “mulheres”, ato visto como costume em sua terra.

Entre os tupinambás, o *Tratado Descritivo do Brasil* de 1587, escrito por Gabriel Soares de Souza, refere-se tanto à homossexualidade masculina como feminina. Descreve que o “pecado nefando” era bem aceito, sendo que o que desempenhava o papel ativo tinha-se por valente, contando o caso como proeza. Havia também os que tinham tenda pública para os que os quisessem como mulheres públicas, indicando possível prostituição masculina (TREVISAN, 2007, p. 586)

Somente com a vinda dos portugueses para o Brasil é que vigora na região as ordenações que determinavam as perversões sexuais (sodomia) como o pecado mais imoral já existente. Contudo, neste período, existiam muitos documentos que provavam as práticas homossexuais, isto no intuito de conhecê-las para poder puni-las adequadamente.

Segundo a obra “História e Sexualidade no Brasil” de Ronaldo Vainfas (1986, p. 12), a questão da sexualidade era analisada como algo proibido, ou seja, não era bem encarada pela igreja, e que constantemente ganhava novas vertentes, na qual se relacionava sexo, fidelidade, casamento e procriação.

Santo Agostinho (1986, p.12-13) valorizava muito o matrimônio como uma obra de procriação desejada por Deus e que estava além da natureza e do desejo carnal, o que para ele era um antídoto contra a luxúria e a desejo. O sexo só seria permitido se fosse efetuado dentro do casamento, com a intenção de procriar. Caso contrário era considerado pecado. Contudo, a sexualidade era confundida com o casamento, legitimando-se nele como consequência natural, o amor e a fertilidade, dos quais se refletiam e acabavam por identificar-se na mentalidade popular.

Neste mesmo período existia entre os africanos e seus descendentes, em época de escravidão, práticas de homossexualidade, sendo efetuadas clandestinamente, pois se fossem descobertos seriam condenados a morte de fogueira. Contudo, além de ser um ato de “hediondo pecado, péssimo e horrendo, provocador da ira de Deus e execrável até pelo diabo”, deveria ser

castigado com o mesmo rigor e requinte de que o crime de lesa-majestade<sup>9</sup>. (FRY & MACRAE, 1991, p. 60).

Gilberto Freire (1986) era quem mais relacionava de forma exagerada a escravidão com a desordem moral e sexual em tempos do Brasil Colônia onde relatava que: “não há escravidão sem depravação sexual” (p 22). E ainda complementa dizendo que a escravidão é a culpada pela nossa lubricidade e sensualismo exacerbado: “A animalidade nos negros, essa falta de freios e instintos, essa desbragada prostituição dentro de casa, animavam-na os senhores brancos (p.22). Isso comprova que não foi do negro a origem da depravação carnal, mas sim o abuso de uma raça por outra.

Certa feita, em 1981, num debate organizado pelo Movimento Negro Unificado de Salvador, ao prestar a informação que desde 1591 havia na Bahia um negro congo que certamente já viera sodomita de sua terra natal, que foi contestado por um dos membros desta organização, que atribuiu a homossexualidade na África a má influência dos colonizadores brancos (MOTT, 1986, p. 25).

Gilberto Freire (1986 p. 27) supôs que a homossexualidade feminina era assim definida, devido ao culto a Venus Urânia, que foi trazida ao Brasil pelos europeus.

Nesse período, todo e qualquer ato sexual efetuado fora do casamento era interpretado como proibido e como um crime, assim como a fornicação simples<sup>10</sup>, adultério, incesto, estupro, rapto e contra natura (quando a relação se faz contra as normas estabelecidas pela natureza carnal humana, onde estão incluídas a prática da sodomia (relações heterossexuais e homossexuais), a bestialidade (relação homem versus animais, plantas e coisas) e a molície (masturbação). (MOTT, 1986, p. 82).

E como uma maneira de manter a ordem e a moral, existia, porém um personagem conhecido como Visitador que era visto como uma forma de justiça, na qual o indivíduo (denunciante) ditava seus pecados carnis, recebia suas penalidades e em outros casos era condenado e processado pelos seus atos. De acordo com Vainfas,

---

<sup>9</sup> O crime de lesa-majestade foi definido dentro das Ordenações Filipinas e abrangia variadas situações. Os condenados eram punidos com execução pública por meio de tortura, seus bens se tornariam propriedade da Coroa e sua família condenada a infâmia.

<sup>10</sup> Ato sexual praticada por solteiros, sem vínculo de parentesco.

a inquisição era, pois, ainda que sem tribunais, parte integrante da sociedade colonial, sempre a busca de judaizantes, feiticeiros, blasfemos e demais transgressores do catolicismo. Enfim, houve momentos em que o tribunal de Lisboa enviava Visitadores com a expressa missão de apurar se e como o catolicismo era seguido na colônia (VAINFAS, 1986, p. 43).

A Igreja era um caminho eficaz de moralização da sociedade. Um meio que através de cuidadosos levantamentos das violações praticadas pelos fiéis, os convertia em delitos úteis a sociedade. As Câmaras, por sua vez, aproveitavam-se do poder mobilizador da igreja para restringir e limitar a sociedade para, em seguida, investigá-la, interrogá-la e, se necessário, puni-la.

Contudo, se a igreja não obteve êxito em nomear o casamento como exclusivo para manter-se uma relação amorosa, por outro lado, ela consegue estabelecer uma divisão na qualificação em que as relações amorosas são classificadas como lícitas<sup>11</sup> ou ilícitas<sup>12</sup>. O casamento sacramentado pela Igreja constitui-se assim no parâmetro de julgamento para as ligações de amor.

A sexualidade só era entendida como saudável pela ideia de prazer moderado que garantisse a reprodução da espécie humana e não ameaçasse a integridade do corpo (SOARES, 1986, p. 166).

A homossexualidade era classificada como comportamento desviante e inscrita no âmbito da loucura. Loucura está definida como um estado primitivo ou selvagem, caracterizado pela fragilidade da formação espiritual e intelectual do indivíduo (SOARES, 1986, p. 177).

O predomínio do instinto sobre a razão foi qualificado através de imagens simultaneamente reveladoras do delírio (loucura) e da degradação moral (pecado). Mas se não existia uma delimitação precisa entre o pecado e a loucura, é importante notar que tais noções se encontravam diluídas num mesmo universo semântico definido pela ideia de doença. A noção de pecado não era destruída pelo médico. Na classificação dos espaços da normalidade e da anomalia, o pecado é incorporado como substância básica para a

---

<sup>11</sup> Relação sexual que acontece dentro do casamento e que é aceito perante a igreja.

<sup>12</sup> Relação sexual fora do vínculo do casamento, da ideia de libertinagem sexual, que para a igreja é visto como imoral.

construção do sentido moral do corpo doente. E se era entendido como doença logo, tinha cura. (SOARES, 1986, p. 178).

Segundo Fry & MacRae (1991, p.11), desde pequenos, meninos e meninas são sujeitos a um tratamento diferenciado que os ensina os comportamentos e emoções considerados como apropriados. E qualquer desvio desta conduta, vista como correta, o indivíduo é reprimido e logo recupera o que seria o bom comportamento, de acordo com a imposição da sociedade.

As pessoas que não conseguem manter-se segundo as normas da sociedade, sendo estas as sexuais/afetivas são encaradas como desviantes da ordem ou mesmo denominadas de homossexuais, e que a partir das diversas pressões sociais foram sendo levados a desempenharem diversos papéis sociais normalmente atribuídos aos homens e as mulheres.

São tantas as formas de representação e prática da homossexualidade que se diferencia segundo cada sociedade e épocas históricas, em que as dúvidas sobre esse contexto implicariam a uma série de divisões que foram se perpetuando desde o início na Grécia Antiga até os dias atuais (FRY & MACRAE, 1991, p.12).

Todo esse contexto examina as várias ideias, representações e práticas associadas à noção das relações sexuais/afetivas entre pessoas do mesmo sexo no Brasil, sendo que muitas vezes discordantes, onde cada uma tentava ser ouvida mais que as outras (FRY& MACRAE, 1991, p. 17).

Fica evidente que houve e há controvérsias com relação à homossexualidade, e que esta diversidade tem atravessado épocas, e juntamente com essas controvérsias vem o preconceito, a discriminação, desrespeito. É uma busca incessante em busca de direitos e cidadania.



## **CAPITULO II - GÊNERO, PODER E MOVIMENTOS HOMOSSEXUAIS.**

### **2.1 Gênero e relação de poder**

De acordo com Torrão Filho (2000, p.281), o termo Gênero surgiu a partir dos anos 1980 desprovido de um propósito ideológico e panfletário, com objetivo de categorizar e analisar propostas para uma transformação de paradigmas do conhecimento tradicional e um reexame dos critérios do trabalho científico existente. Havia uma necessidade de romper com a ideia de que os estudos de gênero estariam relacionados somente as mulheres ou as feministas. Por isto propõe o uso do gênero mais abrangente e que incluía homens e mulheres, em suas hierarquias e relações de poder.

Pode-se dizer que gênero seria um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos. “Seria uma primeira maneira de dar significado às relações de poder, um primeiro campo no seio do qual, ou por meio do qual o poder é articulado” (SCOTT, 1992, p.135-136). Estas diferenças se fundamentam culturalmente através de representações simbólicas e mitos expressos em doutrinas religiosas, educativas, políticas ou jurídicas e que se opõem de maneira inequívoca as concepções de masculino e feminino.

A grande questão do gênero seria a de firmar o discurso em que se constrói uma identidade do feminino e do masculino, que aprisiona homens e mulheres em seus limites, ao qual a história deveria libertar. Ele daria significado às distinções entre os sexos e transformaria seres biologicamente identificados como machos e fêmeas, em seres sociais, homens e mulheres.

Para Torrão Filho (2000, p.281) o gênero se faz presente na organização concreta e simbólica da vida social e as conexões de poder está contida nas relações entre os sexos. Scott afirma que seu estudo seria um meio de decodificar e compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana.

Alguns comportamentos são definidos pela cultura como sendo pertencentes a um ou outro sexo, para serem reconhecidos como homem e mulher, observam-se nestes a hierarquização uma vez que o masculino se impõe como superior ao feminino. Como analisa Albuquerque:

Os homens têm mais possibilidade de ação, mais liberdade de escolha do que as mulheres é verdade, mas esta liberdade se exerce sob rígidos parâmetros. Se na construção da imagem do macho nordestino, por exemplo, o controle e a submissão da mulher são importantes, o controle sobre o comportamento dos homens não é menor: qualquer um que apresente um comportamento efeminado, que se vista com roupas pouco masculinas, ou é visto freqüentemente com amigos homens e nunca com mulheres é uma vítima em potencial do código de condutas que regula a masculinidade aceita e reconhecida. (ALBUQUERQUE, 2002, p. 39)

Assim como ressalta Tânia Swain (2001, p.93) as relações de gênero estão embasadas em uma visão binária na qual se opõem a boa e a má sexualidade ou identidade sexual. A partir desta interpretação dual o masculino e feminino convivem um com outro, mas nunca no outro. É devido a esta concepção que os homens homossexuais são rebaixados, por estar abaixo de outros homens, e as mulheres lésbicas, por usurparem de um poder conferido ao masculino, pela qual não lhes pertence. Diante deste domínio que não obedece à norma binária, tais comportamentos são categorizados como perversão e anormalidade.

Os homossexuais se inserem na concepção de gênero e poder, porque a eles são atribuídos a sexualidade normativa, que seria a heterogênea Esta identidade também é marcada pelas diferenças sociais conferidas pela questão das distinções biológicas de sexo e de gênero. O termo sexo sempre esteve ligado à composição biológica e diretamente relacionada ao aparelho reprodutor desse indivíduo, assim como as características comportamentais intra psíquicas consideradas típicas do homem e da mulher. Esta terminação é utilizada para se falar de aspectos comportamentais e psicológicos e passará a ser empregada para referir-se a aspectos psicossociais, em que se distingue o social a partir do gênero e o biológico das diferenças de sexo.

A conjuntura da Formação de identidades de Gêneros são articuladas em processos estereotipados dos indivíduos herdados dos seus antepassados, através de crenças e atitudes psico-bio-sociais. A noção de gênero é entendida aqui como relações estabelecidas a partir da percepção social das diferenças biológicas entre os sexos (SCOTT, 1995, p. 26)

Segundo Bourdieu (1999, p. 276) a interpretação social das diferenças biológicas está fundada em esquemas classificatórios que opõem masculino/feminino numa posição homóloga, dominante/dominado e relacionado a outras: forte/fraco; grande/pequeno; acima/abaixo; Essas oposições são hierárquicas e historicamente construídas, denominando assim o pólo masculino como positivo e superior.

A divisão entre os sexos parece estar na ordem das coisas (...) ela está presente, ao mesmo tempo em estado objetivado (...) em todo mundo social o mundo social, e em estado incorporado, nos corpos e nos habitus dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação (BORDIEU, 1999, p. 17).

A compreensão das categorizações nas relações de gêneros permite que se perceba na ordem social, a subordinação do universo feminino, além das relações entre sexualidade e poder. Para Bozon & Giami (1999) a sexualidade, neste sentido, era considerada como um fato social como condutas, identidade e um domínio a ser explorado cientificamente.

Esta interpretação binária que tange a hierarquização da sexualidade entre masculino/feminino, perpassa pela oposição ativo/passivo que estabelece uma ligação de dominação e sexualidade. Bozon (1999) delinea historicamente a dominação masculina que era reproduzida no intuito de que o homem é o sujeito e a mulher o objeto (o homem “come” a mulher).

A oposição entre ativo/passivo traz consigo a heterossexualidade como norma. Neste sentido, a homossexualidade causaria um estranhamento por subverter a ordem e o homem que adota esta identidade seria categorizado como inferior (dominado) própria da categoria feminina. E nas mulheres homossexuais, haveria a possibilidade de subversão de uma posição de subordinação, a partir da negação do papel atribuído a ela.

A partir da subversão da ordem operada por uma relação homossexual, os homossexuais são invisibilizados e estigmatizados socialmente. O estigma se refere ao conjunto de atributos inscritos na identidade social de um indivíduo, os quais, em uma interação, podem desacreditá-lo/depreciá-la, tornando-o um indivíduo “menor” socialmente. (GOFFMAN, 1988, p. 39)

Com efeito, o “natural” do sexo biológico reside, sobretudo, na possibilidade de procriação e esta perspectiva está na ordem de valores, da moral, logo construída socialmente e historicamente como verdades universais. A heterossexualidade segundo Monique Wittig (1990), se fundamenta na ordem do político e do poder.

Barbero (1999, p. 05) acreditava que estes fundamentos conceituais que dividem a sociedade em duas categorias distintas, ou seja, homens e mulheres, criam na atualidade um grande impasse para as Ciências Sociais, frente à explosão de identidades sexuais variadas e laços conjugais não convencionais que pedem reconhecimento e legalização de seus direitos a existência.

O simbolismo da dominação masculina, assim como as categorizações hierárquicas da questão binária masculino/feminino, ativo/passivo, próprios da heterossexualidade, também era observado na homossexualidade, das identidades Gays e Lésbicas. Entre os gays é possível se observar que estes evitam o modelo do homossexual extremamente efeminado e com isso tem oferecido menos cobertura para o indivíduo, pois apesar das conquistas decorrentes dos movimentos político gays, grande parte dos indivíduos sofrem pressão para não se assumirem como homossexuais.

A ideia de que um homossexual pode ser aceito na sociedade na medida em que seja “adequadamente masculino em gestos e aparência, acaba impondo novos padrões de comportamento, o que significa mais uma vez, o desprezo pelo papel passivo, considerado como feminino e inferior”. (WEEKS, 1997, p.26).

Segundo Scott (1990), as lésbicas, por sua vez, buscam dentro dos movimentos transformações de valores que passariam pelo autoconhecimento, tomada de consciência e reinterpretação das histórias pessoais. Estas valorizam a importância dos relacionamentos amorosos e, para os homens homossexuais, há uma negação dos mesmos em favor da experiência da sexualidade como múltiplos de relações de parceiros.

Esta diferenciação, agora observada por Giddens (1993) deve-se a identidade das narrativas do eu absorvida pelo gênero masculino/feminino que se sobrepõe a identidade dos homossexuais. A modernidade atribui às

mulheres o papel que lhe fora atribuído como subordinadas senhoras do lar que apenas cuidam amorosamente dos filhos. Esta associação ao amor romântico é reproduzida pela sociedade, visa garantir o futuro. Percebe-se que este elemento está ausente nas narrativas do eu masculino.

Apesar de ambos os gêneros defenderem propostas que trabalhem pela cidadania dos homossexuais, gays e lésbicas entram em conflito, pelo fato de que existe a presença de identidades estigmatizadas dentro dos próprios movimentos homossexuais. Devido suas especificidades serem diferente e buscarem a cidadania por uma narrativa masculina, muitas mulheres lésbicas durante a trajetória do movimento homossexual brasileiro, rompem com grupos mistos, buscando autonomia e criando suas próprias organizações. Para Bourdieu (1979) tal “questão de gênero” estaria radicalizada nos próprios esquemas de classificação e divisões sociais objetivas ou oposições fundamentais da ordem social entre dominantes e dominados.

Mas, além da definição dominante da prática - a valorização da cidadania que pode ser considerada como carregada de atributos definidos com relação à masculinidade (YOUNG, 1995, p. 25).

Mesmo defasadas, essas estruturas criam rótulos de representatividade em relação à práticas sexuais, como defendia Fry (1982), fazendo com que as ações sejam direcionadas a partir dessas representações que muitas vezes são contraditórias, nas quais são utilizadas pra legitimar tais atos.

## **2.2 Surgimento dos primeiros movimentos homossexuais no Brasil e no Amapá.**

Em um evento de 1968 em Paris, juntamente com a incorporação das noções de libertação sexual pela contracultura e, ao lado de uma nova militância negra e feminista, formaram um pano de fundo social para a criação da Frente de Libertação Gay (FLG) que começou nos Estados Unidos e se espalhou em parte da Europa Ocidental.

O que parece ter marcado o nascimento desse grupo foi a “Rebelião de Stonewall”, que foi um movimento homossexual que na noite de 28 de Junho de 1969, em uma sexta-feira e alegando o descumprimento das leis sobre a venda de bebidas alcoólicas, a polícia tentou interditar um bar chamado “Stonewall Inn”, conhecido como “gueto” ponto de encontro dos homossexuais, esse fato deu partida para que a Frente de Libertação Gay lançasse seu jornal Come out (assume-se) e decretasse a data de 28 de julho “Dia de Orgulho Gay” em comemoração deste “mito de origem” (FRY & ACRAE, 1991, p. 96).

Em meados de 1968, se viu o nascimento do Movimento Negro Unificado, o início do movimento feminista e o surgimento dos primeiros núcleos homossexuais no Brasil, no qual discutia as implicações sociais e pessoais de sua orientação sexual, em que fizeram sua primeira manifestação pública através de uma carta aberta ao Sindicato dos Jornalistas protestando contra a forma difamatória com que a “imprensa marrom” apresentava a homossexualidade (FRY & MACRAE, 1991, p. 22).

Em fevereiro de 1979, os membros do grupo Movimento Negro Unificado, com o término de tal grupo, alguns de seus atuantes juntaram-se a outros homossexuais e formaram que se denominaria Grupo de Afirmação homossexual - SOMOS, na qual preparou um debate que marcou a importância do movimento homossexual como interlocutor legítimo na discussão de grandes assuntos nacionais e, em contrapartida a este fato, impulsionou a formação de outros grupos similares defendendo causas equivalentes, dando-lhes autonomia em seus movimentos e reivindicações (FRY & MACRAE, 1991, p. 22).

Esse grupo seguia uma estratégia política de fortalecimento da identidade homossexual e valorização positiva das categorias "bicha" e lésbica, associadas a uma política fortemente anti autoritária, crítica do Estado e da hierarquização de papéis entre casais do mesmo sexo. Congregavam tanto homossexuais masculinos quanto femininos.

Em meados dos anos de 1980 foi notada a participação do movimento homossexual em alguns congressos feministas, e é tido como de suma importância para lésbicas, porque estas viam nas feministas uma oportunidade de apreensão de experiências quanto à organização de grupo, sendo que este, apesar de ser considerada minoria, tinha uma relevante repercussão na sociedade.

O evento não era voltado para o movimento homossexual, pois os congressos feministas buscavam apoio com outros movimentos sociais, no intuito de discutir a questão da exploração e dominação no ambiente de trabalho que atingia não somente as mulheres, mas toda uma população.

Nesta época, segundo as feministas, não seria relevante discutir os temas específicos de seu movimento, assim como os papéis sociais e sexuais, uma vez que seria inoportuna tal temática, já que estes não eram problemas das mulheres operárias.

Devido a este enclave ideológico sobre a especificidade em suas lutas, o movimento feminista entrou em conflito com o homossexual. As feministas defendiam a classe operária como um todo, sem diferenças de gênero e discordavam de que a violência que os homossexuais sofriam era totalmente diferente das demais mulheres. A temática do movimento homossexual era tratada pelas feministas com certo desprezo e preconceito.

Por esta razão, as lésbicas foram então acusadas de elitistas, uma vez que defendiam questões vistas como desinteressantes ao povo e a revolução. Por isto, as militantes homossexuais foram “obrigadas” a se retirar da coordenação do III Congresso Feminista.

O Movimento Homossexual ganhou notoriedade e expressão dentro dos movimentos sociais após o “I Encontro Brasileiro de Homossexuais” realizado em São Paulo no dia 03 de fevereiro de 1980. Como todo movimento social, o movimento homossexual também teve suas divergências internas, assim como em seus interesses, diferenças identitárias entre os gays e lésbicas.

Devido à diferenças entre a problemática masculina e feminina, existente dentro do grupo intitulado como SOMOS, viu-se a necessidade da criação de um subgrupo exclusivamente lésbico. Em meados de 1980 forma-se o primeiro grupo de lésbicas, denominado Grupo Lésbico Feminista. Segundo Marisa Fernandes (2002), este grupo era pertencente ao grupo Coletivo de Feministas Lésbicas - CFL, de São Paulo. Esta formação seria uma resposta ao machismo e o patriarcado existente no Movimento. Em maio do mesmo ano, este grupo torna-se independente.

As militantes lésbicas do SOMOS alegavam dificuldades em dialogar com os membros masculinos. Elas se sentiam discriminadas por serem mulheres e lésbicas, uma vez que, apesar de ambos os gêneros lutarem contra

opressão sexual, evidenciava-se pelos homossexuais masculinos uma postura machista.

A partir desta data, qualquer mulher que defendesse um ideal feminista era acusada de ser lésbica. Toda esta acusação tinha como fim isolar tais mulheres e evitar a formação de uma organização feminista forte.

O Grupo Lésbico Feminista não teve muita duração e por volta de 1981 põe-se fim ao movimento. Aproximadamente em 1982, algumas participantes ativas do LF se uniram a outras lésbicas e fundou-se o Grupo de Ação Lésbico Feminista – (GALF), que lutava pela mesma vertente: o preconceito, a visibilidade, respeito, cidadania e entre outros direitos.

De um modo geral, toda esta movimentação política, ideológica do grupo de defesa dos homossexuais, fez com que os militares exterminassem alguns destes seguidores, alegando estarem causando desordem moral e social.

Mas é de se lembrar que, ao mesmo tempo em que os homossexuais surgiram com o propósito de repensar a identidade homossexual e combater o preconceito social de todas as suas manifestações, a homossexualidade se tornou mais visível em geral para o público como um todo.

Refletindo esta maior visibilidade, até alguns partidos políticos de oposição como o PT e o PMDB, têm tomado posições favoráveis aos direitos humanos dos homossexuais. Durante a Campanha eleitoral de 1982, o candidato a governador de São Paulo pelo PT, Lula, fez uma declaração explicitamente manifestando a posição de seu partido de que a homossexualidade não deve ser tratada nem como crime nem como doença (FRY e MACRAE, 1991, p. 32).

Em contrapartida, um grupo radical americano, as “Radicalesbians”, propõem que as mulheres deixem de ser julgadas em termos de seu comportamento sexual e que sejam tomadas em conta as suas identidades totais.

Acima de tudo, o grande fator de união dos homossexuais de ambos os sexos é a posição marginalizada e desviante que lhes é reservada na sociedade. O fato é que a homossexualidade continua sendo tratada para alguns como uma indigesta mistura de pecado, sem vergonhice e doença. Segundo Mott,



O desafio de zelar pelos quadros mentais e as estratégias políticas que deram forma e sustentação a esse processo e as várias formas de violência física e social contra as minorias aludidas que dele emanam. Esse processo dará nome aos membros aos grupos, assim transformando-os em singularidades coletivas que não se dissolvem em conjuntos indiferenciados, e que pode ser um caminho fecundo na luta pela superação da recorrente discriminação contra as minorias (homo) sexuais. As histórias de acusações contra práticas homoeróticas e as conseqüências dali advindas eram modeladas por fatores como raças e status social. (MOTT, 1999, p. 149)

Ele cita também como modelo de representatividade do movimento homossexual feminino a

Figura de Felipa de Souza, costureira, presa pela policia religiosa em 1591 e, devido aos seus diversos relacionamentos lésbicos, foi condenada a ser açoitada em público e ao degredo (exílio) perpétuo da Capitania. Que de acordo com Luiz Mott, que Felipa de Sousa é a mais ousada, persistente de todas as lésbicas das colônias da América, razão pela qual o seu nome foi atribuído ao principal prêmio internacional de Direitos Humanos dos Homossexuais, o chamado “Felipa de Souza Award”, conferido pela International Gay and Lesbian Human Rights Commission de S. Francisco, Estados Unidos. (MOTT, 1999, p. 149)

O movimento homossexual é tido como um sujeito político bastante complexo, formadas por múltiplas categorias identitárias, nem sempre movidas pelos mesmos discursos. Sem a consideração desta problemática, torna-se difícil compreender muitas das posições internas ao movimento no que diz respeito ao mercado segmentado ou mesmo à relação com outros atores sociais que integram o seu campo de ação.

Segundo Facchini (2002) na década de 1980 o Grupo de Ação Lésbico Feminista, buscou caminhos de cooperação com o Estado na luta contra a AIDS e abrandou a crítica ao autoritarismo, sem deixar de atribuir valor positivo à categoria homossexual.

No ano 1985, o Conselho Federal de Medicina retirou a homossexualidade da lista dos desvios e transtornos sexuais. O mesmo foi posto na lista de doenças do Instituto Nacional de Assistência Médica Providência Social - INAMPS, devido a ideia de que a “saúde” da nação era diretamente ligada a “saúde” da família e dependente do controle da sexualidade.

Mas foi em 17 de Maio de 1990, que a Organização Mundial de Saúde aprovou a retirada do Código 302 da Classificação Internacional de Doenças (CID), declarando que a homossexualidade não constitui doença, distúrbio e/ou perversão. Portanto, nenhuma pessoa tem o direito de discriminar à outra, devido sua orientação sexual.

Em meados da década de 1990, a sociedade brasileira emerge então no contexto diferente, em que o pânico agora é em relação à AIDS, e que neste período já se amenizava, possibilitando o revigoramento de uma militância homossexual calcada em outros discursos e estratégias. Para o movimento homossexual dizia respeito não apenas aos gays e lésbicas e, se as últimas não faziam parte da sua denominação mais corrente até 1993, eram reconhecidas como integrantes do movimento desde o seu início.

Já as travestis promoveram o seu primeiro encontro em 1993, ganhando visibilidade no movimento e sendo incorporadas ao seu nome em 1995. As transexuais tiveram sua primeira aparição organizada num encontro nacional realizado em 1997 (FACCHINI, 2002).

Multiplicam-se as categorias nomeadas como sujeitos políticos do movimento:

Em 1993, surge a expressão "Movimento de Gays e Lésbicas"; em 1995, temos o movimento "GLT" (Gays, Lésbicas e Travestis); e finalmente, em 1999, adota-se em parte do movimento, a partir de São Paulo, a expressão GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros) (França, Facchini, no prelo). Também há a iniciativa, mais recente, de utilização da fórmula "diversidade sexual", no intuito de criar um termo que passe ao largo das disputas de identidade, encampada fortemente nos últimos anos por um incipiente movimento que se situa nas intersecções entre movimento estudantil e movimento homossexual. (FACCHINI, 2002, p. 205)

A incorporação e o deslocamento de segmentos nos nomes que indicam o sujeito político do movimento carregam em si uma intenção de inclusão, mas não dirimem os conflitos entre as categorias agrupadas na sigla, que se relacionam em um complexo jogo de posições e estratégias políticas.

A construção de identidades coletivas associadas à ação política traz a tona o problema central dos processos pelos quais determinados atores sociais emergem na condição de sujeitos políticos. Vimos como os processos de

multiplicação, disputa e reacomodações dos segmentos têm se tornado comuns dentro do movimento homossexual brasileiro.

No rastro da discussão sobre a construção de identidades coletivas, o autor aborda a recente constituição da idéia de queerness. Um termo "guarda-chuva" que procura desestabilizar as identidades de "gay" e "lésbica" e até mesmo de "homem" e "mulher", diluindo fronteiras de grupo, em franca oposição ao que Gamson denomina uma política "étnica/essencialista". (IDEM, p. 589)

A partir dos dilemas e das críticas esboçados, Joshua Gamson (1998) delinea alguns dos debates presentes atualmente no movimento homossexual nos Estados Unidos e não seria difícil traçar alguns pontos de coincidência entre o processo norte americano e o brasileiro; já que se trata de uma situação em que a discriminação institucional é produto de dinâmicas do próprio movimento e do mercado segmentado com o qual este se relaciona.

O movimento homossexual não é um ator isolado no contexto em que se insere e diante do público ao qual se dirige. Se a construção de identidades coletivas sempre foi um aspecto central do movimento homossexual, que procurava reverter o estigma e a depreciação social que se abatia sobre as pessoas que se relacionavam com outras do mesmo sexo deve-se levar em conta que essas construções nunca se desenvolveram isoladamente, mas sempre em comunicação com outros atores sociais.

A transformação de uma identidade homossexual, genérica e unitária, está definida em duas identidades distintas, gay e lésbica. Isso é devido à decorrência de duas razões. A primeira está relacionada ao fato de as mulheres terem sido praticamente excluídas da identidade homossexual medicalizada do século XIX. A segunda evidencia que as mulheres homossexuais que têm se afirmado e tornado público suas especificidades em relação aos homens homossexuais. A invisibilidade lésbica está incluída nestas particularidades, materializada nos estudos e pesquisas sobre uma vivência lésbica.

Outro indicador da invisibilidade lésbica poderia ser depreendido do relatório "Quebrando o Silêncio", elaborado pela Anistia Internacional de 1998, no qual se afirmava que a homossexualidade masculina era proibida por lei em 83 (oitenta e três) países, enquanto que a homossexualidade lesbiana era

legalmente proibida em apenas 44 (quarenta e quatro) países.

Segundo este relatório,

atitudes homofóbicas são comuns em pelo menos 150 países, enquanto apenas 13 dispõem de legislação que proíbe a discriminação de homossexuais. Não são incomuns as ameaças de morte e o apedrejamento em praça pública em função da orientação sexual homossexual, sendo a "homofobia de Estado" um fenômeno que atinge 2/3 do planeta. Há pena de morte para práticas homossexuais no Paquistão, Irã, Arábia Saudita, Iraque, Sudão e Afeganistão. Na América Latina, Chile e Nicarágua são os países onde a homossexualidade é legalmente proibida, ressaltando-se que, apenas a partir de 25.11.97, foi suprimido o art. 516 do Código Penal Equatoriano, que previa pena de prisão para homossexuais, mesmo quando as práticas eram consentidas e envolviam adultos. (ALMEIDA NETO, 1999, p. 53)

Esta incidência a criminalização da homossexualidade masculina talvez possa ter sido compreendida como uma resultante da sexualidade feminina que foi considerada praticamente nula ou fortemente controlada na esfera dos costumes. As interdições em relação à homossexualidade feminina costumavam ser, além de questões de legalidade, morais (BRASH, 1998).

O surgimento do HIV/AIDS, de certo modo, contribuiu para constatar e expor algumas diferenças entre as formas como gays e lésbicas constroem suas identidades sociais e psicológicas, na qual estruturam seus relacionamentos afetivo-sexuais.

Rotello (1998, p. 299) afirma que uma das estratégias de combate à disseminação do vírus entre gays fosse à adoção do modelo amoroso utilizado entre lésbicas, no qual se valoriza "os relacionamentos estáveis em vez das aventuras e do consumismo sexual", do que raro acontece com um casal heterossexual.

Apesar das diferenças, não se pode esquecer que em geral, os gays e lésbicas são objeto da mesma discriminação e intolerância social, dirigidas pela expressão de seu desejo sexual. É esta a razão principal por que homens e mulheres homossexuais estejam juntos na arena política, reivindicando o pleno reconhecimento de sua cidadania e condição humana.

Ainda que as lésbicas reclamem do machismo e da misoginia<sup>13</sup> e estes

---

<sup>13</sup> Misoginia: do grego, miso odio gene mulher. É um movimento de aversão ao que é ligado ao feminino (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Misoginia>).

por sua vez questionem sobre alguns ideais das destas. Juntos, homens e mulheres homossexuais deparam-se cotidianamente com várias divergências políticas, características de quaisquer agrupamentos humanos e com conflitos decorrentes da afirmação de políticas identitárias distintas - gay e lésbica - e relativamente autônomas.

O primeiro movimento homossexual amapaense surgiu aproximadamente em 2001, dentro de uma política pública do governo em vigência naquela época. Neste período existia uma política de organização da sociedade por intermédio de movimentos, para então ter alguma participação na elaboração do planejamento participativo.

Neste mesmo período, na Agência de Mobilização e Participação Social – AGEMP-, existiam vários programas e projetos voltados para o apoio e organização das mulheres, colaborando em seu fortalecimento e geração de renda. O principal projeto desenvolvido pela Agência era o da Nação Mulher, que atuava em diversas áreas de participação social e atingia as mulheres parteiras, artesãs, indígenas, entre outras.

Faltando pouco tempo para o término do governo citado, pode-se afirmar que os dois únicos segmentos tidos como excluídos eram os das prostitutas e os das lésbicas. Estes então se reuniram e cada segmento elaborou um projeto que os definisse. O projeto das prostitutas ficou conhecido como Afrodite e os das lésbicas como Margarida. Estes projetos depois de organizados as lideranças, foram fazer visitas a outras lideranças com experiências técnicas no assunto, como o movimento das prostitutas e lésbicas da Bahia. Com o acúmulo de tais experiências, estes grupos passaram a se identificar como lideranças e a saber o que realmente era o sentido de movimento. A partir daí, estes grupos foram se organizando e começaram a fazer reuniões para decidir questões voltadas aos seus interesses.

Afrodite foi um projeto elaborado por técnicos do governo no intuito de “resgatar mulheres da prostituição” (Linha Aberta, 2000) existente no Estado do Amapá. Ele contava com o apoio da Coordenação Nacional de DST/AIDS juntamente com o Ministério da Saúde.

Este trabalho fora realizado com as profissionais do sexo do Estado e foi desenvolvido pelo Governo, tendo como finalidade cooperar na organização destas mulheres para que pudessem então exigir seus direitos. Este projeto

ministrava as ativistas muitos cursos e palestras, discutindo a temática interligada a saúde, a busca pela cidadania, além de implementar ações de combate ao preconceito, intolerância e a violência.

Segundo ressalta Celeste Soares (2000, p. 01), Coordenadora da Agência de Promoção da Cidadania:

Os técnicos trabalham com abordagem em diversas partes dos municípios do Estado. A meta é fazer um mapeamento da prostituição no Amapá. Cinco municípios do Estado já foram mapeados. "Com o mapeamento podemos cadastrar 330 prostitutas, distribuídas nos municípios de Santana, Macapá, Laranjal do Jarí, Oiapoque e Calçoene". Após o mapeamento dos municípios, os técnicos realizam encontros. "Nos encontros que realizamos as Profissionais do Sexo apontam suas necessidades. É a partir desse diagnóstico que realizamos nossas ações, são elas que dizem do que necessitam". (SOARES, 2000, p.01)

Após o término deste projeto surgiu então a Associação das Mulheres Prostitutas do Estado do Amapá - ANTESSAP, e da Marcha das Margaridas se formou o Grupo das Homossexuais Thildes do Amapá - GHATA.

A Marcha das Margaridas foi lançada em 2000 em Brasília, através da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – CONTAG -, e continua a ser realizada a cada três anos, sempre no mês de agosto. Esta marcha foi e continua sendo executada em vários Estados. Esta atividade se realiza neste período, devido o assassinato da líder sindical Margarida Alves há vinte e seis anos atrás.

A pauta de suas exigências era embasada na temática de combate à violência sexista, soberania e segurança alimentar e nutricional, terra, água e agro ecologia, trabalho, renda e economia solidária, entre outros.

Foi inspirada nestas expectativas de lutas e busca por melhorias e direitos, que muitas ativistas, até então parte da coordenação e pertencentes de tal marcha, tiveram a ideia de criar um grupo exclusivamente lésbico, que lutasse em prol de seus ideais. Muitas dessas reuniões para efeito de organização tanto da marcha como sucessivamente do futuro grupo eram realizadas em boates e em lugares mais reservados denominados como guetos.

Neste mesmo ano, foi realizada a primeira assembléia para a criação do Ghata, nela foi também discutida a sua logomarca, a eleição da diretoria, a elaboração do estatuto.

Logo no início o Ghata era tido como um movimento de gueto, pois suas reuniões aconteciam em boates, lugares no qual não sofriam tanto preconceito. Estas só aconteciam no período anterior a Parada Gay, com o intuito de organizá-la. Nesta Parada estavam expostas questões como a prevenção da AIDS e das doenças sexualmente transmissíveis. Mas somente em 2004, se deu sua legitimação e institucionalização para que suas bandeiras de luta fossem definitivamente proclamadas e a luta pelos seus direitos fossem finalmente reconhecidas.

### **2.2.1 Movimentos Sociais e homossexualidade**

Antes da análise de movimento social, vê-se necessário salientar sobre sociedade civil, porque esta caracteriza a civilidade e conceitua a vida em sociedade. Seu conceito exige uma estreita relação com o Estado em todas suas instâncias políticas. E por meio desta seria possível, observar as várias formas de participação social expressa por inúmeras entidades, movimentos e organizações.

No ponto de vista teórico, os movimentos sociais são como um corpo deliberativo de estudos sociopolíticos que teria como objetivo principal analisar as problemáticas dentro da ação coletiva. Na Sociologia acadêmica, segundo Scherer-Warren, o termo movimento social surgiu com Lorens Von Stein por volta de 1840, quando este defendia a necessidade de uma ciência da sociedade em que se dedicasse ao estudo dos movimentos sociais, tais como o movimento proletário e do comunismo e socialismo emergentes. (SHERER-WARREN, 1987, p. 12)

Melluci (1994) afirmava que no século XX esta temática se modifica e é então entendida no universo dos processos de interação social dentro da “teoria do conflito e mudança social”, passando a criar então identidades aos grupos, antes dispersos e desorganizados. Os movimentos realizam

diagnósticos e criam propostas sobre a realidade social, construindo ações coletivas que agem como resistência à exclusão e luta pela inclusão social.

Maria da Glória Gohn (2002) em “Teorias dos Movimentos Sociais” conceitua as características dos movimentos sociais e sua ação dialética relacionada aos processos históricos.

Movimentos sociais são fenômenos históricos, decorrentes de lutas sociais. Colocam atores específicos sob as luzes da ribalta em períodos determinados. Com as mudanças estruturais e conjunturais da sociedade civil e política, eles se transformam. (GOHN, 2002, p.19-20)

No início deste milênio, os movimentos sociais estão retornando à cena e a mídia, orientando os atores sociais, não para o mercado nem para as políticas neoliberais, mas sim para o resgate da cidadania, do caráter das coisas públicas, como instituições, reivindicando a universalidade das políticas e autonomia para demandas particulares, para vencer os desafios dos localismos, capacitando seus agentes para representar nas negociações, em fóruns de debate e nas parcerias de políticas públicas.

Os movimentos sociais em tempos da globalização se articulam em “novos movimentos sociais”, só que agora não se denominam apenas como movimentos das mulheres ou dos índios, hoje se trabalha com gênero, raça, e etnia e etc., associada de forma correta a política, havendo uma homogeneização que recobre as profundas diferenças e desigualdades.

Enquanto a sociedade não resolver seus problemas básicos de desigualdades sociais, opressão e exclusão haverá lutas, haverá movimentos. E deverá haver teorias para explicá-los. (GOHN, 2002, p.20)

No auge da constelação cultural e política, quando ainda imperava o padrão Geraldo Vandré (onde a juventude lutava para a transformação da sociedade brasileira), Caetano Veloso teve a insolência de se apresentar em público com guitarras elétricas (que naquele tempo era visto como escândalo) e roupa de plástico, e começara a cantar “É Proibido Proibir” que repetia as palavras de ordem do conhecido movimento operário-estudantil, surgido naquele ano em Paris e retraiu a uma espécie de anarquismo intolerável (FRY & MACRAE, 1991, p. 17).



Tão insultante foi este comportamento que as ideias estabelecidas sobre a música popular brasileira e as ideias políticas por ela expostas e que estavam vigentes entre um setor expressivo da juventude, fez com que o público não permitisse o término da canção, interrompendo-a com vaias de extrema agressividade. (FRY & MACRAE, 1991, p. 18)

Este fato põe em discussão momentos de diversidade ideológica, que aconteciam na década de 70. no qual Caetano, ao se expor de tal forma, queria por em discussão a tensa separação do comportamento convencional feminino e do masculino, além da distinção entre a política e a vida cotidiana, que neste período era tido como inseparáveis.

Após tal fato, surgiram então, os grupos denominados de Dzi Croquetes e o conjunto os Secos e Molhados, ambos liderados pelo cantor Ney Matogrosso, traçando as diferenças entre os sexos. Ambos os grupos defendiam a temática da moral sexual e dos papéis sexuais do indivíduo dentro da sociedade brasileira.

O que impulsionou mais esta discussão e que marcou toda esta trajetória de defesa da temática homossexual, foi a criação do Jornal Lampião da Esquina, em abril de 1978. Era editado no Rio de Janeiro por jornalistas, intelectuais e artistas homossexuais que lidava com a questão da homossexualidade em seus aspectos políticos, existenciais e culturais, no qual chamava muito a atenção dos seus leitores por tratar de manchetes fortes e polêmicas.

Foi ele quem abriu e sustentou a discussão sobre o homossexualismo e teve sua importância ao difundir a ideia de militância política homossexual. Originalmente, era mais que um jornal gay, pois levantava discussões sobre a condição dos negros, dos índios, das mulheres, além de falar sobre ecologia. Porém, estava mais voltado para o público homossexual masculino.

Certo que o jornal só relatava a vivência dos homossexuais que freqüentavam os guetos. Este homossexual carregava consigo sentimentos de culpa e pecado que o oprimia constantemente e que na maioria das vezes eram repostos por fatores sociais que o levavam a se ocultar, a ter medo de serem humilhados, presos por razões escusas, medo do desemprego, da violência e do preconceito por parte de amigos, familiares e da sociedade em que habitavam.

Por estas razões é que surgiram os guetos, locais em que estas pressões eram afastadas, e onde eles poderiam se assumir e testar uma nova identidade social. Certo que uma vez construída essa nova identidade, o homossexual adquiriria coragem para assumir publicamente sua opção sexual.

O gueto pode também ser visto como espaço de refúgio e foco gerador de novos padrões e atitudes, no qual eram discutidas atividades políticas voltadas às suas militâncias.

O jornal *Lampião* permeou durante três anos e, neste período, foram escritas 41 edições. Hoje só existem registros que foram restaurados a fim de preservar a história homossexual no Brasil.

Existia um grupo de homossexuais masculinos que seguiam simultaneamente o *Jornal Lampião da Esquina* em São Paulo e que posteriormente criariam o Grupo de Afirmação homossexual - SOMOS, e a partir deste é que vai se constituir no Brasil, os primeiros movimentos homossexuais.

### **2.3 Homossexualidade Lesbiana**

A palavra lésbica hodiernamente utilizada foi inicialmente registrada em língua inglesa em 1890 por J.P. Hallett. O termo homossexualidade lesbiana é muito mais antigo e está relacionado com a relação sexual entre mulheres e data de 1870. Eles são escritos com a inicial maiúscula, revelando sua ligação com a ilha de Lesbos, onde a poeta Safo escrevera em seus cantos por volta de 600 a.C. Muitos dos cânticos da poetisa estavam relacionados à beleza de jovens garotas, preparava também cânticos para peças de hinos rituais, cantos nupciais, sátiras, cantos sobre membros de sua família. Deduz-se que “Safo pertencia a uma importante família lésbica” (LARDINOIS, 1995, p. 27). A maioria de suas poesias a temática está ligada a dores de amor.

O termo lésbica (*lesbis*, *lesbia*) possui vários significados. Em primeira instância era utilizado para se referir aos habitantes femininos da ilha de Lesbos. Mas foi em meados do período clássico que o mesmo obteve conotação erótica. Na antiguidade, Safo era a moradora mais famosa da ilha,

sua poesia, famosa e inspiração para que Lesbos cunhasse moedas em homenagem a poetisa, na qual duraram vários séculos.

O escritor cômico Aristófanes (1995, p. 41) utilizava o verbo, *lesbiazein*, “fazer como as mulheres de Lesbos”, para mulheres que praticavam a feição e esse significado do verbo é confirmado até o fim da Antiguidade. A primeira associação explícita de Lesbos com a homossexualidade feminina é encontrada em tempos romanos. Já segundo o escritor Luciano (1995, p. 41) declara: “Dizem que existem mulheres em Lesbos com rostos como os dos homens, e que não se dispõem a desposar homens, mas apenas mulheres, como se elas mesmas fossem homens”. Muitas das relações de Safo com suas garotas eram comparadas como a de um mestre e seu aprendiz. A vantagem dessa comparação é que ela confirma a interpretação erótica de suas poesias.

Contudo, Safo no decorrer de sua história sempre viveu cercada por um grupo de garotas, mas não é válido afirmar que mantivesse relacionamentos afetivos com todas elas. “Todas as poetisas arcaicas eram tidas como discípulas de Safo e era natural que outras cidades desejassem estabelecer algum vínculo com a décima Musa, como por vezes Safo foi chamada” (LARDINOIS, 1995, p. 49).

Baudelaire, em muitos de seus trabalhos, fez referências à origem nas artes das personagens femininas participando de atividades consideradas e vistas como pertencentes aos homens. Na sociedade do século XIX, falava-se em uma “masculinização feminina”, o que acabava denegrindo a imagem das mesmas. Neste sentido, a lésbica<sup>14</sup> e todas as mulheres que fugiam do padrão feminino eram apontadas com temores dentro daquela sociedade tradicionalista. Neste sentido, é claro observar que já existiam preconceitos relacionados a assuntos relativos à mulher, tanto no que se refere à sexualidade, quanto a qualquer eventualidade que envolvesse a sua participação social.

## **2.4 A visão médica sobre a homossexualidade**

---

<sup>14</sup> Segundo André Lardinois, a utilização da palavra “lésbica” foi observada pela primeira vez em língua inglesa e data de 1890, já o substantivo “Lesbianismo” é um pouco mais antigo. Geralmente o substantivo é empregado com letra maiúscula inicial para designar seu vínculo com a ilha de Lesbos. (LARDINOIS, 1995: 27)

Segundo os médicos Krafft-Ebing (1991), Ubich Pires de Almeida (1991) entre outros, concordavam que o homossexualismo era uma patologia congênita ou uma mera perversão quando praticado por pessoas não uranistas. Este mesmo médico chegou à conclusão de que estes uranistas (homossexuais) sofrem de uma mancha psicopática, assim como a histeria, neurastenia e epilepsia. Além das anomalias psíquicas que se estendem às condições salientes de degeneração mental (imbecilidade, loucura moral).

Existem várias controvérsias com relação da causa da homossexualidade. Enquanto alguns achavam que as causas para ela eram basicamente biológicas (hereditariedade, defeitos congênitos ou hormonais), outros procuram explicar a homossexualidade em termos do meio ambiente social. Se a homossexualidade era vista como doença, logo ela teria uma cura (FRY & MACRAE, 1991, p. 65-66).

Os primeiros médicos que escreveram sobre relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo inventaram duas palavras que vão ser usadas subsequenteemente como sinônimos: o homossexual e o uranista. O termo homossexual foi usado pela primeira vez em 1869, por um médico húngaro, Karoly Maria Benkert. O segundo surgiu do trabalho do alemão, Karl Heinrich Ulrichs. O neologismo uranista<sup>15</sup> foi inventado em homenagem a musa Urânia que, no mito contado por Platão, seria a inspiração do amor entre pessoas do mesmo sexo. Ulrich acreditava que o

Embrião humano não é nem masculino nem feminino, mas depois de alguns meses a diferenciação ocorria. No caso dos uranistas, os órgãos genitais vão numa direção e o cérebro noutra. (ULRICH, et al, 1991, p. 62)

Karl Ulrichs e Karoly Maria Benkert, ao criar tais termos contribuíram para o desenvolvimento de uma nova identidade social e sexual.

Apesar do tom moralista exigido pelos preconceitos de sua época, Havelock Ellis (1991, p. 83) afirmava que a homossexualidade era uma involução do impulso sexual, o qual estabeleceu certos parâmetros que durante anos iriam nortear campanhas em favor dos homossexuais.

---

<sup>15</sup> Indivíduos que não passam por inversão sexual; homossexualidade masculina. (<http://www.dicio.com.br/uranismo/>)

Ellis (1991) foi o que mais deu ênfase a homossexualidade lesbiana. Ele negava a natureza intrinsecamente efeminizada do homossexual masculino, mas atribuía uma natureza masculinizada a lésbica, acreditando existir profundas diferenças biológicas entre a sexualidade de auto afirmação na sexualidade feminina e masculina. Para ele, a auto afirmação na sexualidade lésbica seria masculina, já que, de acordo com sua perspectiva biologizante, considerava que as mulheres eram por natureza passivas e respectivas as investidas sexuais do homem. De acordo com Carpenter(1991),

Um grande herói do socialismo utópico inglês, ele achava que os uranistas eram seres superiores justamente porque combinavam aspectos femininos e masculinos capazes de formar uma ponte entre os dois. Nos seus argumentos para justificar a homossexualidade ele afirmava que a existência dos homossexuais como excepcionalmente talentosos. (CARPENDER, 1991, p. 84)

De acordo com Marcos Ribeiro de Melo (2008), o movimento homossexual era interpretado segundo a relação do movimento com seus participantes como um espaço educativo de socialização e de subjetividade de suas marcas e verdades, a partir de estudos e discursos sobre o que é ser Homossexual. Portanto, se estes atores sociais compartilhassem estas marcas e verdades, sendo estes capazes de interpretar e atribuir sentidos, talvez haveria confrontos com os discursos e saberes fabricados no movimento.

## **CAPITULO III - O GRUPO DAS HOMOSSEXUAIS THILDES DO AMAPÁ - GHATA**

### **3.1 Histórico do Grupo das Homossexuais Thildes do Amapá – GHATA.**

O Grupo das Homossexuais Thildes do Amapá - GHATA surgiu a partir das reuniões realizadas nos guetos assim como todo movimento oriundo das minorias. Ele surge da necessidade de transformar as demandas reivindicatórias em políticas ou organizações institucionalizadas. Para Gohn (2002) muitos movimentos se institucionalizam em organizações por meio de políticas sociais. Friedman (1984 e 1994) define movimento social a partir do conceito de auto-organização e da busca de emancipação. No Brasil, desde a década de 1980, o movimento de luta pelo o direito de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros - LGBTTT vem buscando uma sociedade mais justa, igualitária, democrática e tolerante.

A princípio o GHATA se reunia na clandestinidade para discutir e debater políticas públicas e por muito tempo sua localização fora numa pasta. Segundo Maria<sup>16</sup>: “não tínhamos um local que de fato funcionasse a entidade”.

O Ghata surgiu em 2001, dentro de uma política pública do Governo Capi, na época tinha a organização da sociedade em movimentos, era assim para poder participar da elaboração do planejamento participativo que a gente estava fazendo na época na AGEMP (Agência de Mobilização e Participação Social). Lá havia um programa chamado Nação Mulher, que era um projeto de organização das mulheres, de fortalecimento e geração de renda, em todos os setores da participação social das mulheres, e a gente trabalhou com as parceiras, com as mulheres artesãs, com as mulheres indígenas, com a marchetaria. (MARIA, 2010).

O GHATA é uma organização da nova sociedade civil, sem fins lucrativos, de caráter representativo, situada com sede provisória na Av. Cora de Carvalho, 579, Sala D, Bairro Centro, CEP 68906-310, na cidade de Macapá, com foro jurídico nesta mesma cidade e prazo de duração indeterminado. Atendendo todas as diversidades sexuais, embora, seja uma entidade formada só por mulheres. Os trabalhos que elas realizam são

---

<sup>16</sup> Nome fictício

voltados para todos os segmentos; gay, lésbica, bissexual, travesti e transexual.

Uma das pioneiras e criadoras desta entidade foi a professora Maria que por muito tempo a coordena, dedicando-se a desenvolver um trabalho de política pública para homossexuais no Estado do Amapá.

Quando ninguém em Macapá tinha coragem de expor publicamente sua orientação sexual, a professora Maria, de 45 anos, nascida no interior de São Paulo, em Guará, chegada ao Amapá em 1977, com a família, resolveu mudar isso. Ela conta do preconceito que sofreu e dos avanços durante essa caminhada de pouco mais de sete anos na organização dos homossexuais no estado do Amapá no Ghata, o Grupo das Homossexuais Thildes do Amapá, do qual ela é hoje Coordenadora de Projetos (CAPIBERIBE<sup>17</sup>, 2008).

Um dos motivos que com certeza levaram esta professora a fundar o Ghata foi o preconceito que ela mesma viveu. O mesmo é tido como maior obstáculo de uma entidade formadora de políticas públicas em prol da diversidade sexual.

“Eu já fui demitida de uma escola por ser homossexual, na época eu ainda não tinha começado a trabalhar com o movimento. Mas isso fica muito nos bastidores, ninguém confessa porque sempre tem a desculpa de falta de recursos, reestruturação, sempre tem uma desculpa.” (MARIA, 2008).

“Uma vez eu estava na Conferência Nacional das Mulheres em Brasília. Depois do encontro a gente se reuniu num barzinho debaixo do hotel e passaram cinco rapazes com um galão de combustível e disseram que aquela gasolina “era para queimar sapatão”. Nós chamamos a polícia, mas nada foi apurado. Aqui no Amapá as pessoas têm muito medo de denunciar, a gente tem muitos relatos, mas existe muito medo de denunciar a violência e o preconceito.” (MARIA, 2008).

O GHATA tem personalidade jurídica própria, sem vinculação a nenhum partido político ou religião ou quaisquer outras entidades, cujas finalidades sejam contra a conscientização e o empoderamento homossexual. Hoje a entidade vem trabalhando com seus próprios recursos doados pelos seus associados.

---

<sup>17</sup> Blog Luciana Capiberibe, 2008: [www.lucianacapiberibe.com /notícias](http://www.lucianacapiberibe.com/noticias) daqui

Para ser aceito (a) no Ghata, é necessário que se siga o Estatuto Social do mesmo:

#### DAS ASSOCIADAS

ART. 5º - São associadas do GHATA as homossexuais residentes no Estado do Amapá, que concordem com o presente Estatuto e que tenham seu pedido de inscrição aprovado pela Diretoria do Grupo;

ART. 6º - As associadas não respondem conjunta e nem subsidiariamente pelas dívidas e obrigações contraídas pelo GHATA;

ART. 7º - Constituem direitos das associadas do GHATA;

I – Propor, discutir e votar em Assembléia Geral, acatando as deliberações, ocorridas em sua ausência;

II – Votar e ser votada para cargos de Diretoria, respeitando o Parágrafo Único do Artigo 8º do presente Estatuto.

III – Participar dos eventos promovidos pelo GHATA;

IV – Ter acesso a todos os bens do GHATA, respeitando o presente Estatuto;

V – Ter total e irrestrita liberdade de expressão e pensamento, desde que não fira os ideais do GHATA (ESTATUTO SOCIAL, 2001).

Estas seriam as condições para se tornar membro do Ghata, fora estas solicitações, este grupo também dispõem aos associados alguns deveres que carecem ser cumpridos.

As associadas não trabalham em tempo integral no GHATA, elas são da classe média, funcionárias públicas, algumas são mães, dedicam-se o pouco do seu tempo ao GHATA, revezam-se entre elas para dá funcionamento a entidade. A própria Maria uma das idealizadoras do Ghata é mãe, professora, tem formação em Direito e presta consultoria jurídica as associadas, e por muito tempo ela assumiu a coordenação do GHATA.

### **3.2. Avanços e Perspectivas**

No Brasil, na área dos direitos humanos houve muitos avanços, principalmente no judiciário, um exemplo seria o reconhecimento ao direito de companheiros homossexuais de receber pensão. Hoje a união de



homossexuais conhecida como Homoafetivas foi realmente reconhecida pelo direito da família. Assim os companheiros de mesmo sexo passaram a ter direito a partilha de bens, herança, adoção de criança e ao acesso a alguns tipos de benefícios, como financiamento da casa própria.

Em Macapá as conquistas foram singelas, porém importantes para a obtenção da representatividade no quadro de lutas contra a homofobia. O Ghata tem se dedicado diariamente em favor do bem estar e igualdade para os homossexuais. Em exemplo disso se tem a aprovação da resolução nº 003/2009 – CONSU, em que aprova o uso do nome social dentro da Universidade Federal do Amapá, a entrada da Parada Lésbica, Gays, Bissexuais e Travesti - LGBT no calendário municipal, e a aprovação do dia Municipal de combate a Homofobia (17 de maio). A própria formação da entidade seria uma conquista ao direito de representatividade.

O Grupo das Homossexuais Thildes do Amapá (Ghata) no decorrer do tempo vem obtendo seu espaço, pela forma na qual é organizado e construído pela sociedade civil e ativistas do grupo. Mas mesmo assim, este segmento ainda passa por obstáculos, e o maior deles seria o preconceito.

A entidade observada possui um diferencial se comparada com os demais estados brasileiros, quando se trata dos agentes que militam e promovem políticas públicas direcionadas as diversidades de orientação sexual.

Hodiernamente, a legislação no Brasil referente à diversidade sexual é tida como desigual comparado a outros países, como por exemplo: no ranking, a Argentina está na frente com a legalização do casamento entre homossexuais. No Brasil ainda há muitas objeções aos direitos dos homossexuais tanto com relação ao casamento quanto na questão religiosa.

Se o casamento entre os homossexuais no Brasil fosse aprovado, os casais de homossexuais passariam a ter direito, como já foi dito anteriormente, a pensão caso algum do cônjuge falecesse, ganhariam pensão alimentícia e receberiam herança. A justiça não pode retroagir, pois pela constituição, todos seriam iguais perante a lei e os princípios constitucionais são: a igualdade, a liberdade, dignidade da pessoa humana e segurança a pessoa jurídica.

Assim, o Ghata espera que as leis no Brasil sejam de fato democráticas e justas para todos, enquanto o País ainda não assume uma posição, o Ghata

continuará lutando por mais espaços para com os homossexuais, tantos nas escolas, universidades, centros de saúde, e em qualquer lugar que houver discriminação e ainda buscando meios de se fazer políticas públicas para a diversidade.

Existe também o preconceito institucional. A homofobia, assim como o racismo e o machismo são preconceitos estruturais, que estão presentes dentro da sociedade, na família, na igreja, na escola, nas instituições públicas, privadas, ou seja, em todos os lugares.

Segundo Estatuto, as finalidades do Ghata são as seguintes:

ART. 3º - O GHATA tem como finalidade fundamental organizar as homossexuais do Estado do Amapá.

ART. 4º - São, ainda, finalidades do GHATA:

**I** – Promover o resgate da auto-estima das mulheres e homens homossexuais, bissexuais e transexuais;

**II** – Divulgar e defender os direitos das mulheres e homens homossexuais, bissexuais e transexuais;

**III** – Conscientizar os homossexuais, bissexuais e transexuais acerca de seus direitos, principalmente de sua liberdade de orientação afetivo-sexual;

**IV** – Contribuir para a coleta, a organização, produção e divulgação de informações sobre a sexualidade humana, enfocando, especificamente, a homossexualidade;

**V** – Combater quaisquer manifestações discriminatórias por orientação afetivo-sexual;

**VI** – Promover o intercâmbio com outras entidades nacionais e internacionais que lutem pela dignidade, contra o preconceito, a discriminação e a intolerância;

**VII** – Participar de eventos sobre a preservação da saúde física, mental e psíquica, bem como de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis e AIDS;

**VIII** – Estimular o desenvolvimento dos valores humanos, profissionais, intelectuais e artísticos das mulheres e homens homossexuais, bissexuais e transexuais;

**IX** – Garantir o acesso ao atendimento jurídico, psicológico e social;

**X** – Reivindicar, na política educacional, a inclusão no currículo escolar, de conteúdo programático referente à educação sexual, desprovida de qualquer preconceito;

**XI** – Promover o acesso das mulheres e homens homossexuais, bissexuais e transexuais às políticas sociais de forma ampla, sem qualquer forma de discriminação;

**XII** – Proporcionar assessoramento jurídico as mulheres e homens homossexuais, bissexuais e transgêneros o direito a guarda e posse dos filhos, em caso de separação conjugal de uma possível união heterossexual;

**XIII** – Acompanhar as ações governamentais e não governamentais relacionadas ao segmento (ESTATUTO SOCIAL, 2001).

Estas são as finalidades pela qual o Ghata deve lutar para que posteriormente sejam alcançados.

### **3.3. Metas Alcançadas**

Após todo um aparato de lutas, disputas, militância em prol de reconhecimento dos direitos dos homossexuais, que exigiam respeito, liberdade de expressão, autonomia em suas decisões e entre outras requisições. Fundaram o Grupo das Homossexuais Thildes do Amapá. Para lutar e garantir que se cumpram os direitos dos homossexuais.

“O Ghata desenvolve a luta pelos direitos humanos, então a gente atua na área de saúde, de direito, justiça, educação, cultura, esporte, lazer. Trabalhamos na promoção da saúde e a saúde como um direito humano da população GLBT. Nós fazemos a parte de sensibilizar o estado para que crie políticas públicas para que a população GLBT tenha acesso à saúde.” (MARIA, 2008).

“O principal objetivo do grupo seria estabelecer uma luta em busca de direitos para os segmentos como um todo, gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, ou seja, seria um trabalho coletivo. Têm também parceria com o movimento das mulheres negras do Amapá, mulheres rurais e indígenas. Uma vez que um movimento tem que estar em vários lugares, nunca deve trabalhar sozinho.” (MARIA, 2008).

Por todas estas razões que se viu a necessidade da criação deste grupo, em que lutassem não somente pelos direitos das homossexuais femininas e sim por todo esse âmbito de diversidade de gênero.

Uma de suas conquistas foi o pioneirismo na área em direito dos travestis e transexuais, em que foi criada a resolução nº 013/2009-CONSU, de 19 de Outubro de 2009, aprovada pelo Conselho Superior da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, na qual da ao homossexual o direito de utilizar o

seu “nome social” (como tais preferem serem chamados). Com isso, o mesmo poderá ter seu nome social na carteira da biblioteca, certidões e diário de classe, com exceção no diploma.

Art. 1º- Incluir o nome social de Travestis e Transexuais são reconhecidas nos registros acadêmicos da Universidade Federal do Amapá como forma de inclusão e a permanência desses cidadãos e cidadãs no espaço acadêmico desta Universidade.

§ 1º- Nome social é compreendido como o modo como as pessoas Travestis e Transexuais são reconhecidas, identificadas e denominadas na sua comunidade e meio social.

§ 2º- O nome social de Travestis e Transexuais será registrado entre parênteses seguido junto com o nome civil em diários de classe, cadastros, fichas, formulários, históricos, certificados, carteiras e demais documentos internos (RESOLUÇÃO Nº013/2009-CONSU).

Esta medida veio para sensibilizar o respeito que a sociedade deve ter para com o indivíduo, independente de sua orientação sexual. Esta resolução é tida como inédita no Brasil e especificamente no Estado do Amapá. E daí por diante, pode-se dizer que se abrem as portas para diversas conquistas e a garantia de novos direitos, podendo haver reconhecimento da sociedade para com a diversidade sexual existente.

Figura 01:



Fonte: Diretório Central dos Estudantes – DCE, 2009

O Ghata vê a necessidade de trabalhar a diversidade sexual, principalmente ao que diz respeito aos travestis e transexuais, pois estas são partes integrantes do universo das minorias marginalizadas dentro da sociedade.

A formação identitária das travestis e transexuais. E sua complexidade, surge na fase da infância e adolescência e a escola assume um papel crucial para a construção dessa identidade. Essas unidades de ensino representam uma amostra do universo sociocultural da comunidade onde esses indivíduos se inserem. De forma esses espaços, como uma das instituições que lidam com transmissão e construção do saber, são lugares privilegiados para pensar em construção de práticas pedagógicas que garanta a afirmação da identidade sexual e vença barreiras do preconceito e ignorância. (SALES, 2009).

Com isso, é imperioso se trabalhar esta temática sobre a orientação sexual nas instituições de ensino, uma vez que este ambiente é formador de intelectos dentro do processo de ensino aprendizagem. Este processo serviria para combater os preconceitos sociais de gêneros nos espaços escolares.

### **3.3.1 - Parada Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis – LGBT**

Para que seja realizada esta parada, é necessário muita organização e preparo. Esta semana que antecede a parada de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travesti – LGBT passou a ser conhecida como Semana de Luta contra a Homofobia, tida como uma das conquistas do grupo Ghata, segundo ao projeto de Lei nº 1716/09 – PMM de autoria da comissão dos direitos humanos presidida pela vereadora Cristina Almeida que a instituiu o dia municipal de luta contra a homofobia.

Esta semana seria uma concretização do movimento LGBT juntamente com o Grupo de Referência Anti-Homofobia da Universidade Federal do Amapá – NRAH, realizada no mês de maio, no intuito de esclarecer a sociedade amapaense que a homossexualidade pode também ser interpretada como uma forma de sexualidade, que exige respeito a diversidade e a diferença na garantia dos direitos da cidadania, igualdade, dignidade. Ressalta-se ainda que constantemente se está lutando contra a violência e o preconceito.

Segundo Borrillo (2000, p. 10) A homofobia é um dos maiores problemas sociais da contemporaneidade, é uma expressão de hostilidade contra a diversidade sexual e se caracteriza como uma manifestação arbitrária e perversa contra a diversidade sexual, causando atos de violência, agressões físicas, psicológicas, assassinatos, restrições de direitos e exclusão social de pessoas pela sua orientação sexual e identidade de gênero.

Esta programação teria como estratégia a criação de um espaço permanente de discussões e embates contra manifestações homofóbicas que tem se tornado entraves ao combate a homofobia.

Outro triunfo deste movimento foi à institucionalização do projeto de lei nº 006/2010- CMM/CDHC, em que dispõem sobre a instituição e introdução no calendário cultural municipal o dia da parada de orgulho gay.

A primeira Parada de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis se realizou em 04 de julho de 2001. Neste ano, contou com a presença de aproximadamente cinquenta pessoas, assim como afirma Maria, “muitos tinham medo de se expor”. O real objetivo desta parada seria o de chamar a atenção das autoridades competentes para que estabeleçam políticas públicas para este segmento, além da garantia de direitos.

Fig. 02: Parada GLBT



Fonte: Pesquisa de Campo 08/2009

“Nós escolhemos o local, a praça da bandeira, porque representava um local de reunião dos movimentos de luta. O dia era uma sexta-feira a tarde para pegar o comércio aberto ainda. Aí nós fizemos essa caminhada da praça da bandeira descendo a Avenida FAB até a Cândido Mendes, descendo toda a Cândido Mendes e encerrou lá na beira rio. Essa foi a primeira parada: um trio elétrico e a gente atrás. Não era um segmento reconhecido, não era uma luta reconhecida, não tinha organização, não tinha militante suficiente, eram só as pessoas que tinham criado o Ghata, e algumas pessoas apoiadoras. Foi um movimento para dar visibilidade, dizer: olha existe aqui lésbicas, gays, travestis, esta todo mundo aqui e nós estamos organizados agora. Hoje nós estamos esperando 30 mil pessoas. A partir das 15h, saindo do Araxá.” (MARIA, 2008).

Depois que o movimento começou a se fortalecer houve um aumento de pessoal. E por esta razão, donos de salão de beleza e outras que vivem da noite e demais público alvo, solicitaram que a parada fosse realizada aos domingos para que os mesmos pudessem participar. A parada era realizada na sexta-feira, no intuito de poder expor a sociedade, a visibilidade da parada LGBT.

Mas, até chegar ao momento de ser realmente reconhecido, o grupo sofreu muitos preconceitos, desde a busca pela legalização do evento até a liberação para uso da via pública. Segundo Maria:

“Isso é puro preconceito porque ninguém pede isso tudo do Círio de Nazaré, da Marcha para Jesus, da caminhada Alexandrina, não tem esse tipo de coisa, mas como é uma caminhada GLBT, todo tempo é a maior confusão para conseguir as autorizações, do uso do solo, sonorização e do trânsito. Mas esse ano foi mais tranquilo, eles entenderam já que é um direito, que não é preciso a gente pagar pra fazer a parada. Eles queriam que a gente pagasse o trajeto da parada. A URBAM na época queria calcular o tempo que a gente ia permanecer em cada metro do percurso e calcular para saber quanto a gente ia ter que pagar para poder fazer a parada. Foi muito difícil para eles entenderem que não é um evento comercial como a micareta, que vende abada, vende bebida tem camarote, a parada é um evento pelos direitos humanos.” (MARIA, 2008).

“Na hora de entrar nas escolas para divulgar a Parada, aí existe preconceito. Muitos diretores não permitem que a gente entre na escola e coloque o cartaz. No ano passado nós tivemos problemas, tivemos que fazer um documento para o secretário de educação para pegar uma autorização para que a gente pudesse entrar nas escolas. Até no ano passado nós tivemos muitos problemas com a prefeitura na questão da documentação para que a gente pudesse realizar a Parada, porque sempre a prefeitura queria embargar a



Parada, tem uma série de documentos que a gente tem que ter para não ter problema nenhum no dia e era uma confusão, que o Ministério Público tinha que atuar e atuou durante três anos dando canetada na prefeitura para que a gente pudesse ter os documentos para organizar a parada.” (MARIA, 2008).

Atualmente, a parada gay ganha espaço no calendário amapaense, e aos poucos os conceitos pré- estabelecidos pela sociedade, no que diz respeito à homossexualidade, vão se desvencilhando. E moderadamente, a comunidade passa a ter um olhar diferenciado sobre o que realmente é a Parada Gay. A cada ano aumenta mais o número de pessoas, sendo estes homossexuais ou não, que participam da Parada Gay, e vão não mais para discriminar, mas sim para admirar a alegria, o jogo de cores, e principalmente admirar e apoiar a coragem de quem vai às ruas, romper barreiras e assumir sua verdadeira identidade.

Fig. 03: Os jovens em apoio à diversidade



Fonte: Pesquisa de Campo de 08/ 2010.

Os Travestis possuem todo um preparo para tal eventualidade, para eles este dia é muito esperado, pois é nele que se realizam, mostrando para a sociedade seus trabalhos de “transformação”, tornando-se o centro das atenções. Aproveitam a oportunidade para guardar tais momentos, acenam para o público apresentando toda a sua caracterização. Talvez este seja um



momento único em que eles são observados, sem sofrerem algum tipo de discriminação.

A Parada LGBT em Macapá é organizada praticamente pelas lésbicas, tanto que a coordenação do Ghata é formada por elas. Sua participação é ativa, assim como as travestis e demais público homossexual, elas aproveitam tal oportunidade para declarar sua identidade sexual.

Elas se reúnem na entidade no intuito de escolher a temática de cada parada, além de consolidar suas idéias, opiniões, trocarem vivências, experiências.

Figura 04: A diversidade sexual coloriu a cidade de Macapá.



Fonte: Pesquisa de Campo 08/ 2010.

A Parada Gay (que se encontra na 10ª edição) é entendida pelos seus ativistas como um momento de visibilidade e que a cada ano tem aumentado o número de seus participantes, não somente da classe dos homossexuais, mas também curiosos, que vão assistir a multidão passar, sem nenhum tipo de compromisso com o mesmo.

Figura 05-Comunidade acadêmica em prol da parada gay.



Fonte: Pesquisa de Campo 08/ 2010.

O retorno positivo que se pode ter da sociedade com relação às ações do Gêta seria a aceitação, o respeito e o reconhecimento de seus direitos como cidadãos.

Contudo, afirma-se que dentro do grupo supracitado, há uma relação amigável entre os ativistas, uma vez que se vê a emergência da união entre os mesmos, para poder adquirir seus direitos, sua cidadania e demais exigências expostas nesse trabalho.

Outro avanço deste grupo foi também, a aprovação do dia municipal da visibilidade lésbica, lei nº 005/2010 CMM/CDHC, também presidida pela vereadora Cristina Almeida, que passará anualmente a ser comemorado no dia 29 de agosto em que consentira em defender tal diversidade de gênero.

Mas na verdade, o dia da visibilidade lésbica foi criado no dia 29 de agosto de 1996, em menção ao I Seminário Nacional de Lésbicas, que ocorreu em Rio de Janeiro. Este quando chegou em sua quinta edição, em 2003, as lésbicas então resolveram desempenhar ações em todas as regiões brasileiras no intuito de comemorar tal data. E a partir daí, anualmente aumenta significativamente o número e a qualidade das atividades, que são realizadas por meio de show, seminários, caminhada. O objetivo da efetivação desta data

seria a de convidar toda a sociedade e autoridades competentes do poder público a respeitar os direitos das homossexuais femininas.

### **3.3.2 Programa Saúde e Prevenção na Escola promovido pelo Ghata**

A inclusão da diversidade nas políticas escolares sugere uma série de reflexões pedagógicas principalmente a do pensar, compreender, discutir e superar os possíveis questionamentos com relação a política, cultura, social ou qualquer outro aspecto que possam abranger elementos relacionado preconceito, discriminação, desigualdade, racismo, homofobia.

Quanto à diversidade sexual, as políticas de inclusão e diversidade na educação básica deverão:

1 – realizar constantemente a análise de livros didáticos e paradidáticos utilizados na escola- conteúdos e imagens, para evitar as discriminações de gênero e de diversidade sexual e, quanto isso for constatado, retirá-los de circulação.

2- desenvolver e ampliar programas de formação inicial e continuada em sexualidade e diversidade, visando a superar preconceitos, discriminação, violência sexista e homofóbica no ambiente escolar e assegurar que a escola seja um espaço pedagógico, livre e seguro para todos/todas garantindo a inclusão e a qualidade de vida.

3- rever e implementar diretrizes, legislação e medidas administrativas para os sistemas de ensino promoverem a cultura do reconhecimento da diversidade de gênero e orientação sexual no cotidiano escolar.

4- inserir os estudos de gênero e diversidade sexual no currículo das licenciaturas. (Conferência Nacional da Educação Básica (2008).

É notável que o trabalho do Ghata esteja começando a ser refletido em faculdades, universidades, escolas e centros de saúde, no sentido de explicar, esclarecer, conscientizar que orientação sexual, homossexualidade não é doença, muito menos algo contagioso.

O que é orientação sexual? É a atração afetiva e ou sexual que uma pessoa sente pela outra. A orientação sexual existe num continuum que varia desde a homossexualidade exclusiva até a heterossexualidade exclusiva, passando pelas diversas formas de bissexualidade. Embora tenhamos a possibilidade de escolher se vamos demonstrar, ou não, os nossos sentimentos, os psicólogos não consideram que a orientação sexual seja uma opção consciente que possa ser modificada por um ato da vontade (BRASIL SEM HOMOFOBIA, 2000, p.30).

Nas palestras apresentadas nas escolas, se discute a questão da relação da sociedade com os homossexuais, que os mesmos podem possuir uma relação amigável, e que muitos dos pré-conceitos sobre eles estabelecidos, podem ser quebrados a partir da troca de informações. Com esse diálogo entre homossexuais e comunidade escolar, pode-se entrelaçar uma nova forma de analisar o que seria esta orientação sexual, discutir dentro desta temática a questão do respeito e igualdade.

“Nós entramos nas escolas através de um programa do Ministério da Saúde chamado Saúde e Prevenção nas Escolas, que é um projeto direcionado para a juventude que discute nas escolas temas polêmico com foco na prevenção a AIDS, então a gente trabalha diversidade sexual, direitos humanos, gravidez na adolescência, protagonismo juvenil, drogas. E aí nós entramos fazendo parte do grupo gestor do programa aqui no estado, com a parte de diversidade sexual, formação da sexualidade humana e direitos humanos.” (ANTÔNIA<sup>18</sup>, 2010).

A inexistência de diálogo entre a sociedade e o público homossexual, pode ser encarada como uma das causas da homofobia. Essa carência de informação poderia muito bem disseminar fagulhas de preconceito e discriminação, não somente dentro do ambiente escolar mais também fora dele.

Muitos indivíduos passam a perceber sua orientação sexual, uns quando ainda crianças e outros já adolescentes, e que esta não seria idêntica a de seus amigos. E por esta razão, se sentem diferentes, com medo de serem reprimidos, rejeitados pelos mesmos, ou de sofrerem de bullying<sup>19</sup> dentro ou fora da sala de aula.

“O Ghata tem como um de seus objetivos a oportunidade de poder “orientar em ambientes escolares a temática da homofobia”, discutir junto aos professores, levando-os a compreender a questão da diversidade. Utilizando como instrumento palestras, o contato com literaturas, projetos LGBT’s ou qualquer outro instrumento que possa lhes proporcionar esclarecimento. A ausência da aplicabilidade do tema, em sua maioria, é devido a inexistência de informação dos profissionais da educação, muitas vezes por não

---

<sup>18</sup> Nome Fictício.

<sup>19</sup> Bullying é um termo em inglês utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo (bully - «tiranete» ou «valentão») ou grupo de indivíduos com o objetivo de intimidar ou agredir outro indivíduo (ou grupo de indivíduos) incapaz (es) de se defender (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Bullying>)

compreenderem o assunto, outros por vergonha na busca de informações.” (ANTONIA,2010).

A tarefa do Ghata nas escolas seria a de esclarecer as dúvidas dos alunos, além de informar-los, explicando-lhes que a melhor medida para não disseminar a homofobia seria a troca de conhecimento.

“Todos sabem que a escola, depois da família, é o segundo lugar na qual passamos boa parte de nossas vidas, onde desenvolvemos nosso intelecto e pré-conceitos, que nos é posto tão somente pelos professores, mas também com a vivência com colegas de classe. Sabe-se também que é dentro do âmbito familiar que se estrutura a formação do ser humano, e como a escola, a família proporciona aos indivíduos, os conhecimentos de conceitos pré-estabelecidos. E sem querer, acaba “reproduzindo” aos seus filhos, alunos a concepção estereotipada de uma sociedade machista, preconceituosa e excludente, fazendo com que os mesmos passem a ter preconceito contra o “negro, homossexuais” e outras classes discriminadas pela sociedade.” (MARIA, 2008).

Portanto, discutir sobre a temática da homossexualidade, entendida neste estudo como uma orientação sexual, é de amplo conhecimento, pois além de ser um tema bastante polêmico de ser analisado. Aprende-se com as informações adquiridas. Colaborando para o crescimento intelectual, pois se descobre novas vertentes, passa-se por um processo de desvencilhamento de pré-conceitos já estabelecidos em nossas mentes.

## Considerações Finais

Os estudos sobre a construção das identidades homossexuais apontam mudanças no comportamento da sociedade contemporânea, marcada pela desconstrução de um modelo único de conceito identidade, na qual se percebe uma diversidade nos papéis que cada um desempenha. Pode-se dizer que isso é decorrente dos movimentos sociais na busca de sua autonomia e na qual passam a lutar por seus direitos e legitimar suas identidades.

É nesse contexto que se estudou e analisou o Grupo das Homossexuais Thildes do Amapá (Ghata) que vem quebrando os Padrões binários da sociedade Amapaense na relação entre sexualidade e poder em que a mulher é subordinada ao homem. Essa ruptura reflete-se de modo que a Ghata vem se firmando no Estado. Representado todos os segmentos Lésbica, Gay, Bissexual, Travesti, Transexuais e Transgêneros - LGBT's. Porém sendo um grupo formado por mulheres lésbicas lutando contra a homofobia em que viabilizam trabalhos sociais em prol do bem estar social, participando de vários conselhos no Estado da mulher negra, das mulheres rurais, escalpeladas e parteiras entre outros.

Percebe-se que o Grupo das Homossexuais Thildes do Amapá, durante seus dez anos tem contribuído de forma positiva no Estado aplicabilidade de suas ações; como aprovação da resolução que possibilitou o uso do nome social dos travestis e transexuais na Universidade Federal do Amapá, além dos projetos de lei que introduziram no Estado, a Semana de Combate a Homofobia, o Dia do Orgulho Gay e a Parada Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis – LGBT, tudo isso em benefício ao público LGBT.

São as ações da Ghata que dão visibilidade à luta contra a homofobia no Estado do Amapá; além do respeito que elas conquistaram tanto no âmbito estadual como nacional, na qual buscam fazer valer os direitos LGBT's já garantidos por lei, assim fiscalizando para que esses direitos sejam cumpridos. Uma das iniciativas utilizadas para evitar abusos das autoridades e da sociedade em geral é a informação, através de palestras em escolas, universidades e demais instituições governamentais e não governamentais.

Por meio deste estudo, foi possível perceber que o desempenho dos movimentos tanto no Brasil quanto no Estado do Amapá, apontam para a difícil tarefa de afirmação das identidades homossexuais, devido a homossexualidade ser um tema cercado de mitos e tabus por diferir dos padrões considerados normais. Pois a falta de informação e o preconceito construído historicamente São reproduzidos automaticamente, a partir destes entraves que são percebidos a intolerância e rejeição em relação aos atores homossexuais e a sua cidadania.

A análise do material coletado sustenta que as mudanças de paradigmas, ainda é um desafio para o movimento homossexual Ghata, encontra-se muita resistência e preconceito, por parte de grupos constituídos pela visão tradicional, mas aos poucos, sua atuação vai se fazendo presente, através de suas conquistas em meio à sociedade. É fundamental discutir com a sociedade civil as manifestações da diversidade; tratar a homossexualidade não como desvio dos padrões pré-estabelecidos e opção, mas como orientação sexual, buscando mecanismos que possa facilitar a convivência entre os iguais, fazendo fazer valer um exercício que contemple a cidadania, de fato, ao homossexual, as lésbicas e a todas as minorias sexuais.

Constata-se que apesar da emancipação das mulheres e mudanças relevantes na ótica Hierárquica da diversidade sexual; a visão preconceituosa da sociedade ainda é latente. O próprio movimento das homossexuais (lésbicas) sofrem preconceitos, não somente por serem mulheres, mais lésbicas militantes de movimentos da diversidade. Papel ainda não aceito por fugir à norma. A Pesquisa aponta a falta de políticas públicas voltadas para mulheres lésbicas no Estado do Amapá, tendo em vista que não existem profissionais qualificados para atender suas necessidades, seja na saúde, na educação, segurança ou entidades judiciais.

Outra situação adversa é que o Ghata por ser uma entidade civil sem fins lucrativos e de caráter representativo, enfrenta dificuldades para suas atividades, sem apoio do Estado, procura se manter com seus próprios recursos, concorrendo a editais e de doações de associados, só não consegue se expandir além do que deseja, por conta da falta compromisso social do Estado que muitas vezes deixam pra segundo planos medidas preventivas de combate a homofobia e por negligenciar as necessidades políticas públicas

para minorias. Verificou-se dificuldades para se implementar mais projetos por não haver vontade políticas em prol do bem estar dos homossexuais, por ainda a sociedade manter oposição a diversidade sexual, sustentadas por argumentos religiosos, e por princípios morais.

Desta forma as informações são fundamentais para construir conceitos de igualdades; daí a importância de visibilizar a entidade de forma mais efetiva na mídia, percebe-se que o Ghata ainda não possui ferramentas tecnológicas própria de sua divulgação como blogs, sites, redes sociais. Poderiam ser Utilizados em benefício da expansão da própria visibilidade da entidade, Pois a internet abrange um grande e extenso local de meio de informações, e atualmente seu acesso tem crescido de uma maneira impressionante.

Diante de conquista pelos direitos dos homossexuais e espaços alcançados pelo Ghata na sociedade civil, faz necessário que o Estado, tenha uma postura laica, que reconheça as diversidades sexuais, através de ações que incluam todos na participação da cidadania.



## REFERÊNCIAS

ANJOS, Gabriele dos. Identidade sexual e identidade de gênero: subversões e permanências, *Sociologias*, Porto Alegre, ano 2, nº 4, jul/dez 2000, p.274-305, artigo.

BORDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BORRILLO, Daniel. *L'homophobie*. Paris: Presses Universitaires de France. 2000.

Brasil sem homofobia (programa de combate a violência e a discriminação contra GLTB e de promoção da cidadania homossexual) Brasília, 2004, 2ª edição. Câmara dos deputados (frente de libertação mista pela livre expressão sexual) p.30.

BREMMER, Jan (org). *De Safo a Sade: Momentos da história da sexualidade*, 1ª edição, tradução: Cid Knipel Moreira, Campinas, SP: Papyrus, 1995.

CATONNÉ, Jean-Philippe. *A sexualidade, ontem e hoje*. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 2001

CHAUÍ, Marilena. *Repressão sexual*. 1ª Edição. São Paulo: Brasiliense S.A, 1995.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 2 : O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro, Editora Graal– 6ª edição, 1984.

FRY, Peter & MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade: Coleção Primeiros Passos*. São Paulo, editora Brasiliense – 7ª Edição, 1991.

GOHN, Maria da Glória. *Teorias dos Movimentos sociais*. São Paulo: Jorge Edições Loyola, 2002.

----- Sociedade civil no Brasil: Movimentos sociais e Ongs.  
<http://www.ucentral.edu.co/NOMADAS/nunme-ante/16-20/PdfsNomadas%2020/12-sociedad.PDF>, acessado dia 07/01/2111 às 19:00

<http://homossexualidade.sites.uol.com.br/homo.htm>, acessado em 12/01/2011 as 10:00.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Homossexualidade\\_no\\_Brasil](http://pt.wikipedia.org/wiki/Homossexualidade_no_Brasil), acessado em 13/01/2011 as 17:23.

[http://www.assis.unesp.br/revistadiscenciapesquisa/docs/PaulaPSR\\_2.pdf](http://www.assis.unesp.br/revistadiscenciapesquisa/docs/PaulaPSR_2.pdf).

<http://www.euentendo.com/v2/?cat=103&paged=2>; acessado em 8/11/2010 as 17:10

<http://www.galf.org/> - Texto publicado na Revista Lábia do GALF - Grupo de Activistas Lesbianas Feministas Tercera época. No. 18, Lima, diciembre 2004.

Site: Postado por Menos homofobia e mais cidadania. Acessado dia 05/01/2011 às 16:11.

<http://www.giesp.ffch.ufba.br/emdefesadogueto>; de Edward MacRae, de abril de 1983, novos estudos acessado em 06/01/2011 às 15:25 hs.

[http://www.ifch.unicamp.br/ael/website-ael\\_publicacoes/cad-5/artigo-7-p221.pdf](http://www.ifch.unicamp.br/ael/website-ael_publicacoes/cad-5/artigo-7-p221.pdf)- documento e identidade: o movimento homossexual no Brasil na década de 1980.

<http://www.scribd.com/doc/19787572/Movimento-Homossexual-no-Brasil>- o movimento homossexual brasileiro, sua trajetória e seu papel na ampliação do exercício da cidadania.

<http://www.lucianacapiberibe.com/2008/12/06>

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Metodologia do Trabalho Científico. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MOTT, Luiz. O sexo proibido: Virgens, gays e escravos nas garras da inquisição. Campinas – SP, Editora Papyrus – 1988.

NOTISA, Agências. “Unidos Pela Causa”. Revista Psique Ciência & Vida. N°16. Editora Escala 2007-Ano II, pg.34-37.

RICHARDS, Jeffrey. Sexo, desvio e danação. As Minorias da Idade Média. 1ª Edição, Rio Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, vol. 16, nº 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990, p.5.

SOUSA de Jailson ET AL. Desigualdade e diferença: Gênero, etnia e grupos sociais populares. 1ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, Pró - Reitoria de Extensão, 2006.

SOUZA, Maria de Antônia De. Movimento Social e Sociedade Civil. Curitiba: IESDE Brasil S.A; 2008.

SWAIN, Tânia Navarro. Para além do binário: os queers e o heterogênero. Gênero. Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero, vol. 2, no 1, Niterói, UFF, 2. Sem 2001, pp.93-94.

TESON, Nestor Eduardo. Fenomenologia da homossexualidade masculina. São Paulo: EDICON, 1989.

VAINFAS, Ronaldo (org.). História e Sexualidade no Brasil. Rio de Janeiro, Editora Graal – 1986.

[www.asselegis.org.br/familia.rtf](http://www.asselegis.org.br/familia.rtf)- família no Brasil dos anos 90: um estudo sobre a construção social da conjugalidade homossexual – Doutorado.

# ANEXO

## **Entrevista com a Coordenadora de Projetos do Grupo das Homossexuais Thildes do Amapá – GHATA.**

**Fonte: [www.programascafecomnoticia.com.br](http://www.programascafecomnoticia.com.br)**

### **Como foi que você começou a organizar o movimento aqui no Amapá?**

O Ghata surgiu em 2001, dentro de uma política pública do governo Capi, na época tinha a organização da sociedade em movimentos, era assim para poder participar da elaboração do planejamento participativo que a gente estava fazendo na época na AGEMP (Agência de Mobilização e Participação Social). Lá havia um programa chamado Nação Mulher, que era um projeto de organização das mulheres, de fortalecimento e geração de renda, em todos os setores da participação social das mulheres, e a gente trabalhou com as parteiras, com as mulheres artesãs, com as mulheres indígenas, com a marchetaria.

Já nos dois últimos anos de governo, os únicos segmentos que ainda estavam excluídos eram os segmentos das prostitutas e das lésbicas. Então nós fizemos um projeto chamado Afrodite para trabalhar a organização das prostitutas e um projeto chamado Margarida para organizar as lésbicas, e aí nós começamos a identificar lideranças tanto prostitutas, quanto lésbicas para começar esse movimento de organização, e aí fizemos umas visitas técnicas à Bahia, no movimento de prostitutas da Bahia, de Lésbicas também, o GLBT, e aí a gente começou a organizar, fazer reuniões e aí a gente decidiu que tinha que ser criado realmente uma organização. Do Afrodite surgiu a ANTESSAP (Associação das mulheres prostitutas do Estado do Amapá) e do Afrodite surgiu o Ghata (Grupo das homossexuais thildes do Amapá). Em 2001 a gente fez uma assembléia de criação do Ghata, a escolha da logomarca, a escolha do nome, a eleição da diretoria, a elaboração do estatuto e o Ghata funcionou como um movimento de Gueto, funcionava na boate não tinha visibilidade nenhuma e as reuniões eram só pra época da parada, sobre essa questão de prevenção a AIDS, as DST's, quando chegou em 2004, nós decidimos que era o momento de institucionalizar, de regularizar o movimento para qualificar para a luta por direitos humanos.

Quando regularizamos o Ghata, escolhemos uma pessoa que tivesse respeito da sociedade e fosse reconhecida pela sociedade para assumir publicamente a homossexualidade para abrir caminho para a visibilidade positiva. Eu fui a pessoa escolhida e assumi essa responsabilidade de ir para imprensa e mostrar que a gente pode ser homossexual e ser feliz, ser competente, honesta, digna, trabalhar direitinho, ter uma relação estável, saudável, durável e ter uma vida para mostrar que sendo homossexual a gente pode ser tudo de bom e ser feliz ainda por cima.

### **Existe muito preconceito contra as pessoas que militam nessa área dos direitos humanos em particular dos gays?**

Sim, existe. Eu já fui demitida de uma escola por ser homossexual, na época eu ainda não tinha começado a trabalhar com o movimento. Mas isso fica muito nos bastidores,

ninguém confessa porque sempre tem a desculpa de falta de recursos, reestruturação, sempre tem uma desculpa.

Uma vez eu tava na conferência nacional das mulheres em Brasília. Depois do encontro a gente se reuniu num barzinho debaixo do hotel e passaram cinco rapazes com um galão de combustível e disseram que aquela gasolina “era para queimar sapatão”. Nós chamamos a polícia, mas nada foi apurado. Aqui no Amapá as pessoas têm muito medo de denunciar, a gente tem muitos relatos, mas existe muito medo de denunciar a violência e o preconceito.

Existe também o preconceito institucional. A homofobia, assim como o racismo e o machismo são preconceitos estruturais estão presentes em todas as estruturas da sociedade, na família, na igreja, na escola, nas instituições públicas, privadas, ou seja, em todos os lugares e nas instituições também. Existe muita resistência ainda, a gente é um estado Cristão, um estado que é muito religioso e até hoje nós não temos nenhuma política pública implantada no estado voltada para a população GLBT.

### **E a parada Gay, como começou aqui no Amapá?**

O Ghata foi criado no dia 14 de junho de 2001. No dia 04 de julho de 2001 foi realizada a primeira parada. Em 2001, na primeira caminhada, tinha apenas umas 50 pessoas, havia ainda muito medo de se expor. Nós escolhemos o local, a praça da bandeira, porque representava um local de reunião dos movimentos de luta. O dia era uma sexta-feira a tarde para pegar o comércio aberto ainda. Aí nós fizemos essa caminhada da praça da bandeira descendo a avenida FAB até a Cândido Mendes, descemos toda a Cândido Mendes e encerrou lá na beira rio. Essa foi a primeira parada: um trio elétrico e a gente atrás. Não era um segmento reconhecido, não era uma luta reconhecida, não tinha organização, não tinha militante suficiente, eram só as pessoas que tinham criado o Ghata, e algumas pessoas apoiadoras. Foi um movimento para dar visibilidade, dizer: olha existe aqui lésbicas, gays, travestis, esta todo mundo aqui e nós estamos organizados agora. Hoje nós estamos esperando 30 mil pessoas. A partir das 15h, saindo do Araxá.

Depois que o movimento começou a se fortalecer, então houve uma demanda do pessoal de salão de beleza, do pessoal que vive na noite também, de mudar para o domingo a parada, então enquanto a gente tava trabalhando a visibilidade a gente fazia na sexta-feira para pegar o comércio aberto pras pessoas verem a gente. Depois que nós passamos dessa fase, que a parada tomou outra dimensão aí nos mudamos para o domingo.

### **Como é o trabalho desenvolvido pelo Ghata?**

O Ghata desenvolve a luta pelos direitos humanos, então a gente atua na área de saúde, de direito, justiça, educação, cultura, esporte, lazer. Trabalhamos na promoção da saúde e a saúde como um direito humano da população GLBT. Nós fazemos a parte de sensibilizar o estado para que crie políticas públicas para que a população GLBT tenha acesso a saúde.

Nós entramos nas escolas através de um programa do Ministério da Saúde chamado Saúde e Prevenção nas Escolas, que é um projeto direcionado para a juventude que discute nas escolas temas polêmicos com foco na prevenção a AIDS, então a gente trabalha diversidade sexual, direitos humanos, gravidez na adolescência, protagonismo juvenil, drogas. E aí nós entramos fazendo parte do grupo gestor do programa aqui no estado, com a parte de diversidade sexual, formação da sexualidade humana e direitos humanos.

Na hora de entrar nas escolas para divulgar a Parada, aí existe preconceito. Muitos diretores não permitem que a gente entre na escola e coloque o cartaz. No ano passado nós tivemos problemas, tivemos que fazer um documento para o secretário de educação para pegar uma autorização para que a gente pudesse entrar nas escolas. Até no ano passado nós tivemos muitos problemas com a prefeitura na questão da documentação para que a gente pudesse realizar a Parada, porque sempre a prefeitura queria embargar a Parada, tem uma série de documentos que a gente tem que ter para não ter problema nenhum no dia e era uma confusão, que o Ministério Público tinha que atuar e atuou durante três anos dando canetada na prefeitura para que a gente pudesse ter os documentos para organizar a parada.

Isso é puro preconceito porque ninguém pede isso tudo do Círio de Nazaré, da Marcha para Jesus, da caminhada Alexandrina, não tem esse tipo de coisa, mas como é uma caminhada GLBT, todo tempo é a maior confusão para conseguir as autorizações, do uso do solo, sonorização e do trânsito. Mas esse ano foi mais tranquilo, eles entenderam já que é um direito, que não é preciso a gente pagar pra fazer a parada. Eles queriam que a gente pagasse o trajeto da parada. A Urbam na época queria calcular o tempo que a gente ia permanecer em cada metro do percurso e calcular para saber quanto a gente ia ter que pagar para poder fazer a parada. Foi muito difícil para eles entenderem que não é um evento comercial como a micareta, que vende abada, vende bebida tem camarote, a parada é um evento pelos direitos humanos.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

**RESOLUÇÃO Nº 013 /2009-CONSU**  
**De 19 de outubro de 2009**

Dispõe sobre a inclusão do Nome Social de Travestis e Transexuais nos documentos acadêmicos da UNIFAP.

**O PRESIDENTE DO CONSELHO UNIVERSITÁRIO**, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo Artigo 14, Inciso XIII, do Estatuto da UNIFAP; Artigo 17, Inciso XIX, do Regimento Geral, e ainda, Artigo 24, Inciso IV, Regimento do CONSU,

**CONSIDERANDO:**

- 1) O que preconiza Constituição Federal de 1988 em seus artigos Art. 1.º, incisos II e III, como seus fundamentos, a **cidadania e adignidade da pessoa humana**; Art. 3º, incisos I e IV, que fundamenta, a **construção de uma sociedade livre, justa e solidaria** com a promoção do bem de todos sem quaisquer forma de discriminação; Art. 4º, inciso II, que adota o princípio, de um Estado regido pelos direitos humanos; Art 5º, que insculpe, o **direito a liberdade e igualdade**, sendo o princípio de isonomia como forma de concretizar esses direitos **sem distinção de qualquer natureza**; Art. 205, para qual, a educação é direito de todos e deve preparar os indivíduos para o exercício da cidadania; e Art. 206, que fundamenta, a **igualdade de condições de acesso e permanência**, liberdade de aprender e divulgar pensamentos e o pluralismo de ideias;
- 2) O disposto na Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996 em seus artigos, Art. 1º, ao dispor, que a educação se desenvolve na convivência humana, de forma múltipla e inclui os ambientes familiares, institucionais, os movimentos sociais e as manifestações culturais; Art. 2º, que compreende, a educação como um dever do Estado que deve ser inspirada nos **ideais de liberdade e solidariedade humana** com a finalidade de preparar para o desenvolvimento pleno e o **exercício da cidadania**; e Art. 3º, que garante, **igualdade de condições de acesso e permanência** das pessoas nos espaços educacionais com respeito a liberdade e apreço à tolerância.
- 3) O Regimento Geral da Universidade Federal do Amapá (Resolução nº 09– CONSU/UNIFAP, de 29 de abril de 2002), em seu artigo 3º, inciso IV, que dispõe sobre a promoção do desenvolvimento nacional, regional e local, sendo garantido pelo artigo 5º, inciso IV, a **autonomia e pluralismo de ideias e concepções pedagógicas**.
- 4) As mudanças sociais e o papel da universidade na criação de novos **princípios éticos pautados na cidadania e na justiça social** como forma de garantir o **direito**

**da igualdade e da diferença** contra os processos históricos de exclusão e discriminação:

5) Que ao incluir o nome social de Travestis e Transexuais nos registros acadêmicos favorece-se o **processo de inclusão desta população nos espaços educativos** impedindo a evasão das pessoas Transexuais e Travestis ao serem chamadas por seus nomes civis que se diferem de sua orientação sexual e identidade de gênero.

6) Autonomia Universitária e ainda a **decisão do Egrégio Conselho Universitário em sessão realizada no dia 1º de outubro de 2009,**

#### **RESOLVE:**

Art. 1º - Incluir o nome social de Travestis e Transexuais nos registros acadêmicos da Universidade Federal do Amapá como forma de garantir inclusão e a permanência desses cidadãos e cidadãs no espaço acadêmico desta universidade;

§ 1º - Nome social é compreendido como o modo como as pessoas Travestis e Transexuais são reconhecidas, identificadas e denominadas na sua comunidade e meio social.

§ 2º - O nome social de Travestis e Transexuais será registrado entre parênteses seguido junto com o nome civil em diários de classe, cadastros, fichas, formulários, históricos, certificados, carteiras e demais documentos internos.

§ 3º - A pessoas Travestis e Transexuais devem informar, no ato da matrícula, a intenção de que seja incluído o seu nome social nos documentos acadêmicos;

Art. 2º - Garantir que as pessoas Transexuais e Travestis, matriculadas nesta IFES sejam chamadas oralmente pelos nomes sociais, sem menção ao nome civil, na frequência de classe e em solenidades como colação de grau, entrega de certificados, declarações, premiações e eventos congêneres.

Art. 3º - Estabelecer que os colegiados, órgãos e departamentos a partir de 01 de janeiro de 2010 passam a registrar o nome social de Travestis e Transexuais.

Art. 4º - Garantir que em fichas de inscrições, pesquisas, formulários e questionários socioeconômicos desta instituição sejam disponibilizados os recortes de orientação sexual e identidade de gênero como forma de estabelecer critérios para políticas internas de inclusão em respeito à diversidade sexual.

Art. 5º Esta normatização entra em vigor na data de sua assinatura, Ficam revogadas todas as disposições em contrário.

Gabinete do Presidente do Conselho Universitário da Fundação Universidade Federal do Amapá, em Macapá, 19 de outubro de 2009.

Prof. José Carlos Tavares Carvalho  
Presidente do CONSU/UNIFAP



# APÊNDICE

## **Entrevista com a diretora financeira uma das representantes do GHATA realizada em 06/10/10.**

### **1. Qual o público alvo da Ghata?**

Apesar da diretoria do Ghata, ser formado por sua estrutura por mulheres, no caso, Lésbica, o público alvo não é somente as lésbicas, o Ghata luta pelos segmentos como um todo, gays lésbicas, bissexuais, travesti e transexuais, ou seja, é um trabalho coletivo. O Ghata trabalha também com outros movimentos de mulheres negras do Amapá, mulheres rurais e indígenas para que se conquista seus direitos. (...)O movimento tem que estar em todos outros lugares, não existe movimento sozinho, claro que existe as lutas específicas de cada movimento e também as lutas como um todo, por isso temos parceiros de trabalho.

### **2. O Ghata tem uma boa aceitação no estado do Amapá?**

Grupo das homossexuais e Thildes do Amapá existem desde 2001, pela forma que foi contemplada e como foi organizada na sociedade civil e que foram aos poucos construídos, então de trabalhar desenvolvendo e lutando por esse segmento já é difícil porque encontramos obstáculos pela questão da discriminação, do preconceito da homofobia, que as pessoas passam a ver, mas a gente sempre diz que o movimento passa a ser aceito quando cada vez mais vem se organizando e construindo esse movimento. Por isso nós saímos do gueto(gueto por que , é como se diz, é como você estivesse no armário) você representa para si mesmo, representa ali onde você vive, no local onde só existe gays e lésbicas! Não, temos que ir para sociedade para que essa sociedade nos reconheça com isso conquistarmos nossos direitos, enfim sermos reconhecidos e respeitados.

### **3. Qual a dificuldade que o Ghata encontra ou encontrou pra dar segmento ao seus trabalhos?**

Dificuldades sempre vão ter, a própria reunião e a organização dos nossos segmento, que pessoas entendam o porquê temos que nos reunir, e que pra quê precisamos lutar e pra que tipo de política cada pessoa quer, e essa clareza temos que ter e essa clareza que as pessoas tem que ter (...). Então vamos encontrar ao longo de nossas caminhadas várias dificuldades, encontrando pessoas que vão junto conosco, encontrando pessoas que no meio do caminho desistem, que não acreditam nas mudanças (...) essas dificuldades são: Modo de organizar, no próprio segmento de aceitar pra se congregarem, ou seja ir junto nessa luta como sociedade, uma forma de ser manter, manter a instituição que não é fácil, temos que ter uma grande habilidade, ter uma capacidade imensa de administração; isso hoje você vêem a sede do Ghata aqui estalada praticamente nesse espaço, mas o Ghata já viveu dentro de uma pasta e ninguém sabia seu endereço, Pra nós montarmos essas estrutura, que o Ghata hoje tem teve um certo tempo, Desde 2004, a sede se localizava nesse prédio (...)Pegamos nossos próprios associados que eram poucos para que eles pudessem dar sua própria contribuição e com isso

o Ghata pudesse ter sua própria independência, e também pensarmos em que tipo de política possamos estar discutindo(...)só é possível ter essa independência, quando há uma certa independência econômica, e a liberdade de discussão e a uma formação boa em política e tudo isso o Ghata sempre teve..Temos pessoas Fantásticas, como a Ivana Antunes que é uma pessoa que sempre teve desenvolvendo trabalhos e projetos tanto na área cultural e na área social, no avocasse, especialmente no poder executivo e legislativo no estado.enfrentar essas lutas e participar desse espaços, nos conselhos da educação, da saúde, da mulher.Estar nesses espaços representa muito para nós, pois Fazer parte desses conselhos significa que temos grande representação no Âmbito social do Estado do Amapá, Ou seja fomos reconhecidas pelas nossas lutas que conquistamos ao longo desses 10 anos.Sempre somos procuradas por pessoas que vem fazer trabalhos acadêmicos, foram outro projetos que foram desenvolvidos pelo Ghata.

#### **4. O Ghata não está vinculado alguma instituição governamental?**

Não! O Ghata, não tem vínculo econômico com nenhuma instituição governamental ou de qualquer outro tipo. Pois como movimento social nem devemos ter, por que essas amarras dificultam essa visão de liberdade que tem os movimentos sociais. É necessário ter essa liberdade de discussão e para que cada movimento tenha seu próprio posicionamento político. agentes de discussão soa os que reivindicam que tipo de política deve ser levados, por segmentos do qual seja de mulheres homossexuais, idosos ou de negros(...)Então tem que haver essa clareza de independência, até para ser discutido de igual para igual, o movimento tem que ser respeitado e não de restringimento para que haja um dialogo entre o movimento e o poder público.

#### **5. Como é feito a divulgação da Ghata?**

A divulgação da instituição e dos projetos é feito de várias formas; hoje o Ghata recebe professores, estudantes de faculdades e universidades que nos procuram por pesquisas e até mesmo por curiosidades e com isso acaba se propagando informações sobre o Ghata e nosso trabalho, nós também divulgamos o Ghata através de matérias como folder, panfletos, cartazes confeccionados por nós além de ferramentas como internet, e lá postamos informações sobre a temática LGBT, divulgamos também pelo meio de comunicação, porque quem ver, ler, escutar, acaba reproduzindo e se interessando por essas questões.Fazemos trabalhos nas universidades e escolas, como palestras e oficinas, cursos, não somente ao temas LGBTs, como outros.Aqui no Ghata nós temos um ponto cultural GLBT, chamada Denilde Pereira, nós contemplamos a parte artística como músicas, que é a quarta lilás, todas essas manifestações de apoio aos movimentos GLBTpor si só fomentam a divulgação da instituição.

## **6. Há impasses entre a sociedade e o Ghata?**

Não há impasse generalizado da sociedade Amapaense, mas sim casos isolados de indivíduos que se manifestam contra o movimento, gerando discriminação e preconceito como foi o caso do Vereador Charles Jhone que se manifestou contra a lei do dia de combate a homofobia no Estado do Amapá, alegando Por motivos religiosos de discursos fundamentalista, que isso seria uma violência a constituição e um atentado a moral, e aos bons costumes. Na verdade tudo isso fomenta o ódio, desrespeito e a desigualdade que os homossexuais sofrem.

## **7. Quais foram os avanços do Ghata?**

A instituição nestes últimos anos vem construindo coisas positivas em favor dos homossexuais, mas com certeza uma delas, termos conseguido diminuir essa visão preconceituosa contra homossexuais no Estado, hoje a gente vê pessoas aceitando mas a opção sexual de cada um, estão mais abertas ao diálogo, entendendo o que é a homossexualidade e respeitando-os como indivíduos sociais e essas conquistas a gente vê no dia a dia, claro que pretendemos avançar mas ainda, e tudo isso é pela seriedade que o Ghata vem trabalhando, juntou ao poder público, exemplo no ano passado tivemos uma Lei aprovada que foi o Dia de combate a Homofobia, que é a lei 1.716/09 da prefeitura municipal de Macapá.(rodapé a lei ).Todas essas leis que conseguimos aprovar são importantes, pois antes para chegarmos a uma instituição pública e privadas éramos impedidas por termos burocráticos, que dificultava a nossa entrada em qualquer instituição, com essas leis temos autorização legal, para desenvolver nosso trabalho dentro das instituições o que antes não acontecia.Somos convidados principalmente por professores quem tem esse interesse de discutir, não somente sobre a homossexualidade, mas todo tipo de preconceito que atinge crianças e adolescentes, nessa fase de formação e muito desses profissionais, nos procuram para saber como lidar com essas situações em sala de Aula. Os Nomes sociais, Foi um parecer que foi aprovado pelo conselho superior da Universidade Federal do Amapá, foi inédito por todo Brasil, onde alunos possam usar seu nome social, seja travesti ou transexuais ou outro segmento dentro de um espaço acadêmico.

## **8. Na parada gay houve um aspecto positivo?**

Há sim, a parada é um momento de visibilidade, tanto é que ela chegou a 10ª edição, a parada passou a levar um grande número de pessoas reunidas, vão homossexuais, vão aquelas pessoas que vão ver não só dia de visibilidade, mas uma visibilidade positiva, senão a sociedade não daria uma resposta em relação a isso, aquela multidão que vai ver como os homossexuais se dedicam, seu direito ainda não garantidos. Encontra-se inúmeras pessoas, Vai família,

crianças. Uma forma totalmente de demonstrar que Nós precisamos ser reconhecido pela sociedade e de direitos políticos. Como disse um jornalista de TV local, a parada é um símbolo de paz.

### **9. Qual é o retorno que vocês têm da sociedade em relação aos seus projetos?**

O retorno é muito positivo. A sociedade, se a sociedade passa apoiar e manifestar de forma positiva e entende, é uma forma mais reconhecida pela própria.

### **10. Qual a orientação que vocês dão aos professores pra lidar com a questão da homofobia nos ambiente escolares?**

A gente pode perceber que a escola é o segundo espaço depois da família onde se passa 4 horas com Alunos com vários tipos de Alunos, percebe-se que o na sociedade Brasileira o machismo é presente. E sem querer na família, se reproduz alguns preconceitos como o do negro, homossexuais, com o diferente, enfim a partir disso surge o bullying, que estereotipa pessoas criando uma animosidade humana, um espaço de violência, e o papel da escola é educar e transformar a sociedade, que muitas das vezes não é feito de forma apropriada, adequada, perde o aluno, perde o professor. Porque eles perdem? Porque estes agente não aproveitam a chance de transformação, mas apenas reforçam como disse anteriormente estereótipos, dando continuidade a uma sociedade sem discernimento, nada saudável, mas doentia. E nosso objetivo junto aos professores, através de instrumentos é levar compreensão naquele espaço, a questão da diversidade, uma sociedade humana, mas justa, pois a educação não é algo só formal, é em todo lugar, em todo os ângulos..pra entender através de formação como palestras, e levá-los a informação e literaturas..projetos LGBT...hoje tem um projeto que crie sugestões para uma ação de nível nacional que se fala de orientação sexual em todas vertentes...Uma questão, os professores por não entender, tem vergonha de Falar de homossexualidade na sala de Aula.. Entender como identidade sexual, você precisar de uma formação profissional. Para poder saber enfrentar situações que poderá envolver nas salas de Aulas. Por não saber por exemplo como lidar com os travestis , acabam por isso sendo ridicularizados em sala de aula, por isso eles são dos segmentos mais fragilizados, com baixo índice de escolaridade que muitas vezes levam a vulnerabilidade, a não conquista de empregos, havendo uma exclusão total..A mensagem que levamos é que todos tem o direito de viver segundo suas opções. No mundo moderno mais aberto ao dialogo, num mundo que se transformou na forma de informação, também devemos se transforma na forma de se relacionar..Não sei por que as pessoas tem tanto medo, pregam o terrorismo que vão acabar com a humanidade, dizendo que não são normais, que não poderão ter filhos, os gays e as

lésbicas, vão poder ter seus filhos sim, e eles são normais possuem órgãos como todos os outros, e quando quiserem ter filhos poderão fazê-lo, não compreendo porque pregar tanto terror em volta do Homossexualismo. Não tem ninguém com problema nenhum.. Temos direito de conviver, de ter direitos sócias.

#### **11. Há registros contra violências contra homossexuais?**

Existem sim, mas não existe específico como delegacia, mas poucos são registrados, mas existe violência de heterossexuais contra homossexuais. Não há denúncias dos homossexuais, contra essa violência? Seria medo? Não seria medo, é na verdade não ter uma forma na delegacia de recepção, uma devida recepção com essa pessoa agredida, com a devida forma com esse cidadão, pois o machismo ainda impera, há ainda um estereótipo de que os gays que provocam aquilo, porque as instituições ainda não são preparadas, são violentas de tratar de forma desigual e estereotipada. A visão desses agentes é ainda machista estúpida. Não existe uma humanização nessa intuição. E as pessoas não acreditam, mas em denúncias.